

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES / LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Orientador Paola Zordan**

Eclipse **LUNAR** dos afetos

**Aline (Daka) da Rosa Deorristt**

Porto Alegre, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## **Eclipse Lunar dos Afetos**

ALINE DA ROSA DEORRISTT

**Orientadora:** Profa. Dra. Paola Zordan

Porto Alegre, 2019

ALINE DA ROSA DEORRISTT

## **Eclipse Lunar dos Afetos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título Licenciado em Artes Visuais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Paola Zordan

Defendida em 20 de dezembro de 2019.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paola Zordan (orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanessa Maurenre - UFRGS

---

Prof. Dr. Luciano Bedin - UFRGS

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Rui Vicente Oppermann

**Vice-Reitora:** Jane Fraga Tutikian

### INSTITUTO DE ARTES

**Diretor:** Raimundo José Barros Cruz

**Vice-Diretor:** Daniela Pinheiro Machado Kern

#### CIP - Catalogação na Publicação

da Rosa Deorristt, Aline  
Eclipse Lunar dos Afetos / Aline da Rosa  
Deorristt. -- 2019.  
61 f.  
Orientadora: Paola Zordan.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,  
BR-RS, 2019.

1. Ensino da Arte. 2. Saúde Mental. 3.  
Subjetividade. 4. Afecto. 5. Poética. I. Zordan,  
Paola, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## RESUMO

O trabalho apresenta uma composição poética em escritura visual, realizada a partir de uma experiência na área da saúde mental, em uma instituição pública de atendimento psicológico e internação para crianças e adolescentes. O objetivo do trabalho é o de produzir uma sensibilização para o encontro que se deu entre o profissional das artes visuais em formação, neste caso, uma professora, com os pacientes internos de aulas com caráter terapêutico e artístico. No formato de oficinas semanais, essas aulas se fizeram no período de 4 meses, aqui simbolizados pelo fenômeno de um eclipse lunar relacionado aos afetos. Os nomes da instituição, bem como o dos profissionais ou dos internos não estão citados aqui, porque o que se escreve consiste numa perspectiva singular de uma educadora, a qual pensa a clínica como uma condição política assumida num plano artístico e filosófico. Em virtude disso, a pesquisa foca num modo qualitativo de se fazer e utiliza a teoria a serviço do texto. As referências deste trabalho apresentam autores como Fernand Deligny, Baruch de Spinoza, Gilles Deleuze, Sylvia Plath, Roland Barthes, dentre outros.

**Palavras-chave:** Educação em arte; Saúde Mental; Subjetividade; Afecto.

## SUMÁRIO

Outono dos Enunciados .....	8
Eclipse Penumbral .....	12
Eclipse Parcial .....	28
Eclipse Total .....	41
Primavera das Visibilidades .....	57
Referências .....	59

## AGRADECIMENTOS

Por estarem comigo nesse processo e pelos olhares para a lua, como um modo de pensarmos sobre os nossos próprios eclipses: Lídia Ice Sally, Stephany Lotus, Débora Balzan, Betta dos Lagos, Jaque Mo, Gisele Sanchez e Joana Immig. Pela orientação e acesso à experiência: Paola Zordan. Pela leitura atenciosa e afetiva do trabalho: Luciano Bedin e Vanessa Maurente.

Existem, por classificação, três diferentes tipos de **eclipse lunar dos afetos**: o penumbral, o parcial e o total.  
O **eclipse total** ocorre quando toda a lua é encoberta pela **sombra** da Terra...

## OUTONO DOS ENUNCIADOS

Anoto: um **eclipse lunar dos afetos** acontece somente quando a lua está cheia, repleta de subjetividades. Movimento propício para os *lunáticos*, ou melhor, os que vivem à noite, adentrarem numa zona singular e complexa. É nesse momento que a Lua está completamente alinhada com a Terra em relação ao Sol, quando a sombra da Terra projeta-se sobre ela, a escurecendo. Imagino que estamos assim mesmo, num processo paralelo a uma experiência lunar alinhada, eclipsada e noturna. Mas com a duração de 4 meses, e em todos os ciclos, mesmo os matutinos e os vespertinos. Estamos agora em junho, esse processo afetivo começou em março. Investigo então as ocorrências cósmicas de uma passagem. Leio que um eclipse total aconteceu em janeiro, causando o efeito que chamamos no Brasil de *Lua de Sangue*, e que nada mais é do que uma impressão, pois o efeito de luzes do Sol, que atravessa a Terra, torna o astro avermelhado aos nossos olhos. Também é importante perceber: **um eclipse é um alinhamento e o que vemos são os seus efeitos**. Os efeitos de um fenômeno que é, de certo modo, previsível, mas que incide sobre as nossas **sensações imprevisíveis**. E então, como numa gravura de Tessa Dallarosa, eu *estou* eclipsada, assombrada com a duração dessa experiência.



Figura 1: Tessa Dallarosa, *Eclipsed Medium*, linocut, monotype, letterpress Size: 4"x4"x3/4". Laramie, WY. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mimborg/>

O acontecimento lunar me é imenso e caro esteticamente, me provoca como experiência poética e como imagem, me faz pensar nas nossas relações.

(A noção de que nossas vidas formam os estranhos enredos de uma ficção experimental do SENTIMENTO, também me anima a escrever no escuro.)

Me encanta a ideia de estarmos perdidos de vista junto às nossas emoções, de que as luzes contrastantes fazem a Lua ora existir e ora desaparecer, num movimento que a desenha quando a assombra. Isso constrói um processo, uma aventura cosmológica e afetiva, ao modo de Spinoza...

O claro-escuro é ele mesmo um efeito de esclarecimento ou de assombreamento da sombra: as variações de potência ou signos vetoriais constituem os graus de claro-escuro, já que o aumento da potência é um esclarecimento, a diminuição de potência, um assombreamento.  
DELEUZE

Como uma força de fenômeno afetivo, nós só existimos quando em relação às coisas, sendo constituídos pelos encontros que se dão. Talvez por isso um eclipse provoque certo espanto, ele nos desloca em efeitos, quando nós perdemos as noções costumeiras de corpo. Logo, como a Lua, que passa e **transmuta**, um trânsito poético nos anima, nos dá formas, tempos e modos de respiração, ainda que tormentosos. Vida e morte em movimentos e velocidades *trazendo o coração de cada coisa à superfície*, como escreveu Leduc.

Por isso, eu nos observo também como um efeito, ou melhor, sendo um efeito, apenas estamos, impossibilitados de ser.

E escrevo um **diário** para escancarar uma relação de enfrentamento com a estranheza das coisas, à procura de uma **interlocução**.

No atravessamento das sombras, os **AFETOS** devêm como a **POTÊNCIA** das nossas relações e não de indivíduos isolados, responsabilizados e identificados por seus infelizes destinos, ignorados em relação ao cosmos. Os afetos, numa perspectiva *spinozista*, se produzem por processos e não por sintomas, por movimentos e não por posturas fixas: não creio que qualquer histórico nos determine para sempre, se pudermos nos perspectivar de formas diferentes com os **acontecimentos**. Mas para atravessar essas visões, eu preciso dispor todo o meu corpo em uma espécie de **combate noturno**, mergulhar bem no olho da experiência, e estar a errar, como errante, desconfiando de tudo o que é lógico e que vem de antemão. Embora seja impossível medir os graus dessa disposição, ou seja, saber exatamente aonde se está, para cuidar os próximos passos. O que significaria trabalhar mais as emoções.

Aquilo que entendemos como lógico sem pestanejar, vacila quando numa zona de sombras.

---

1 As notas que citam autores aparecem em cinza-chumbo sem eclipsar uma referência precisa, no entanto, as referências que foram usadas são apresentadas no final do trabalho.

Para **habitar** essa situação, eu preciso **escrever** uma ficção mais própria, numa tentativa de **contrapor** as que não foram criadas por mim e que me utilizam para seus fins. E menos ainda, sequer pensadas ou desejadas por esses corpos em confinamentos, que vão e vêm, mimetizados nas paredes, como num poço aterrorizante, e que eu tenho que **cuidar**. São nelas, nessas paredes frias, que reverberam os choramingos, os balbucios, as reclamações, as exclamações, os gestos, os ataques, os choros e todas as manifestações resguardadas que só aparecem a mim sob **violenta delicadeza**.

Eu não tinha outra solução a não ser a de me re-escrever – de longe, de muito longe – de agora: acrescentar aos livros, aos temas, às lembranças, aos textos, uma outra enunciação, sem saber jamais se é de meu passado ou de meu presente que eu falo. Lanço assim sobre a obra escrita, sobre o corpo e o *corpus* passados, tocando-os de leve, uma espécie de *patchwork*, uma cobertura rapsódica feita de quadrados costurados, Longe de aprofundar, permaneço na superfície, porque desta vez se trata de "mim" (do Eu) e porque a profundidade pertence aos outros. BARTHES

Observo agora como me desloco com facilidade, não quero ser o centro da órbita dos meus estudos. A escrita compõe relações. A escrita tem seu próprio tempo. A visualidade é a força.

A estrutura é ritmo, isto é encadeamento de figuras que compõem e decompõem suas relações. Ela é a causa das inconveniências entre corpos, quando as relações se decompõem, e das conveniências, quando as relações compõem alguma nova relação. Mas é uma dupla direção simultânea. DELEUZE

O texto diarístico se faz valer das enunciações caco-afectivas dessas relações e compõe com a **matéria fragmentária dos encontros**. E eu o alimento da substância mais delicada que existe, a subjetiva. Que ela emergja do preto sob preto, saia do buraco negro, do fundo do poço, assim mesmo, como está, **atravessada pelas sombras do mundo**.

As sombras do mundo na lua...

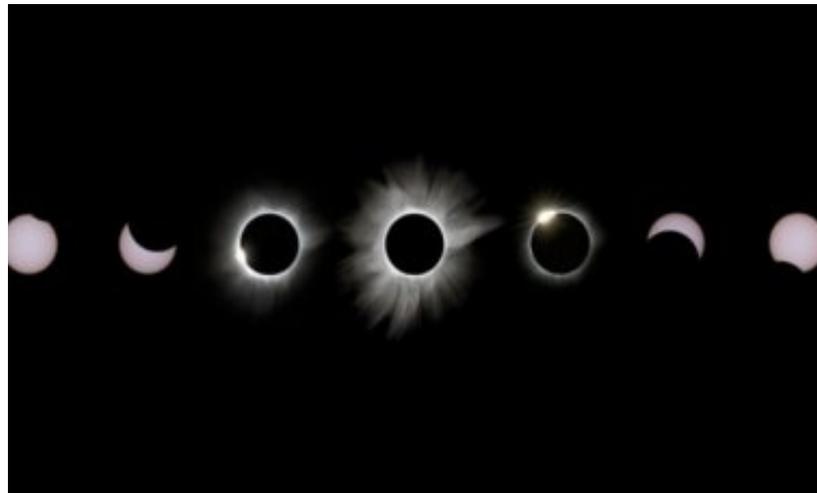


Figura 2: As fases visíveis de um eclipse lunar total... Fonte: [https://www.thebasementnashville.com/event/7628215/august-21st-solar-eclipse-viewing-party-/](https://www.thebasementnashville.com/event/7628215/august-21st-solar-eclipse-viewing-party/)

A ZONA DE SOMBRA:

1. Inventa sua própria lógica
2. Produz suas formas de expressão
3. Mantém os seus mistérios

A manhã toda  
Manhã ainda escurecendo,  
Essa flor ao relento.  
PLATH

Eclipse Penumbra

**MARÇO**

**Sensação de que as palavras violentam, as emoções ainda não querem se dizer, estão desinteressadas, a sôra mal sabe escrever.**

E como escrever? O que eu mais prezo é acordar muito cedo, ao nascer do sol, para desenhar e escrever, mas agora não posso.

**Atender, atender e atender**, esse verbo insistente se conjuga como um remédio de **TARJA PRETA** com vistas à controlar a intensidade das nossas emoções. Isso não pode me levar à adoecer, nem a ser prisioneira de uma objetividade assassina. Penso. Lanço-me nos afetos dessas experiências em direção à confiança que tenho na substância da vida, no seu poder de composição e de transformação. E que, de alguma forma, supera os sistemas disciplinares que desembocam num autocontrole mortalizante. **Não há limites entre nós e e as instituições? As relações sempre serão institucionalizadas?**

Eu me pergunto, **o que nós estamos fazendo com nossa própria dor?** Torna-se preciso conhecer a dor, conhecer a experiência, operar sem procurar o sentido, com desapego e aceitação das mudanças. Mas tudo isso é imperfeito, e agora, pura experimentação.

**Sem alarde, pois apesar de tudo, sempre consigo despertar do mecanismo de amortecimento.**

A demanda absurda de uma **carta de copas** como o centro de um jogo, cá estou. *És uma carta de copas, tu movimentas os afetos*, me disse uma colega psicóloga. Ela, carta de espadas, me batizando. Um efeito que produzo enquanto sou produzida neste esquema? Não sou uma carta de copas, a estou.

**Embaralho a carta, obscurecida, aonde está? Tira uma, vê o que acontece. Mas são todas iguais? Exceto por uma: a carta branca institucional.**

Aquela carta que teoricamente me permitiria escrever todos os **nomes proibidos**, à cunho de uma investigação dos alinhamentos lunares, o que poderia produzir uma visibilidade sensível dos afetos nos abismos; e, por suposto, faria-nos perder o medo de atravessar os processos eclipsados. Eu poderia imaginar então, que a carta branca me autorizaria **eticamente** a publicar todas as fotos que tiramos juntos, para demonstrar o nosso imenso afeto, que se intensifica como imagem, sob a passagem de qualquer sombra. Entretanto, também negam meus movimentos, me vigiam, sondam meu disfarce, minhas ferramentas, meus gestos de acolhimento, minhas alegrias e propostas experimentais. Sinto como se estivéssemos todos presos. Como escapar? Estou mais exposta do que imagino (e cheia de imaginários). Nada convém a esta **carta**...

"A tua presença aqui é uma luta política", me alertam as coordenadoras.

Luta política: desde o início eu tento me manter em movimento e pensar numa estratégia poética que atravessasse sensivelmente os alinhamentos. É difícil. Exercito uma mudança de olhares, embora vulnerável, porque sensível.

Esse modo de estares incertos é um presente. Estou numa experiência docente-clínica muito intensa com alunos *púberes*, como chamam as técnicas que chamamos de enfermeiras, e pensar que tudo é transitório colabora com a ideia de emancipações.

Me relaciono com jovens delinquentes da chamada *situação de risco*, internados, ou em tratamento ambulatorial, na instituição manicomial XXXX em que trabalho, e da qual não pronuncio, senão, em preto sobre preto (como num jogo de invisibilidades eclipsadas, à motivo de cuidados).

> essa é uma omissão estratégica, uma tomada de atos protectivos, necessários, mas que não são passivos, pois me oferecem movimento.

### MOVIMENTO...

Para ir até eles, aos púberes delinquentes, eu preciso atravessar corajosamente o pátio das patologias, repleto de fantasmas, de um complexo hospitalar imenso. Depois, entrar num prédio com paredes gastas e percorrer seus corredores de portas fechadas, subir uma escada espiralada que dá para uma porta que só abre por fora, daquelas típicas num alto que nos cansa só de olhar, imponente. Depois, essa porta se fecha, como um sopro tétrico na nuca, para um outro corredor aparecer...

É uma festa sem graça de corredores, sem dúvida, subjetivando uma contenção de nossos ombros.

Como num sonho vertiginoso, as nossas chances agora são atravessadas por numa linha reta, de uma ponta à outra, esquerda e direita. Simplificando, imagine um T, só que com as abas largas e curto em comprimento, que é onde me encontro, me olhando de cima. De um lado do topo, à minha esquerda, está uma sala de estar, com cadeiras do tipo cinema improvisado e uma grande TV. Cinema não, Túnel do Terror, sala do Tédio, TEMPO eterno de espera de "uma vida na rua que nunca chega". E atentamente zelada por enfermeiros. Do outro extremo, à minha direita, em contrapartida, atravessado por portas de banheiro, de dormitórios, de sala das roupas velhas carimbadas, de consultórios médicos ensolarados, está a ala de internação dos adolescentes. Como se, simbolicamente, significasse o futuro.

No meio do caminho de tudo isso, num *entre*, existe o **REFEITÓRIO BRANCO**, uma peça como uma espécie de palco aberto, ampla, com as janelas gradeadas, em que estão dispostas três mesas grandes, com pia e armários, compondo o cenário de uma cozinha. Pretensioso local alvo, exibindo seu pensamento puro, consciente de sua função, em que todos trabalham sem contaminação e sem erro. **Como uma régua de cortar os pescoços.** Os meus encontros se dão nesse lugar de **preparo dos alimentos**. Em momentos nos quais só encontro abrigo se habitar as noções de **tempo** que perdem-se completamente das funções de horário universal, como uma criança selvagem à soltar-se repentinamente dos braços de uma mãe perversa.

E como vão se perder  
Suas danças noturnas? Na matemática?  
Estas espirais e saltos puros -  
Viajam pelo mundo.  
PLATH

Um **7** meninas, não anoto seus nomes ou idades, ainda não sei se devo ou o porque de o fazer, minha presença é atenuante, não oficial.  
**6** a **10** participantes, todas meninas e 1 menino pequeno, eles ficam cerca de 15 dias ou mais, é temporário.  
Estou na ala de internação para crianças, ela vai até os 13 anos, a ala dos adolescentes é mais ao fundo, eles são muitos, não param de chegar.  
As meninas eram maiores, perguntaram se podem escrever palavrões, juntas fizemos combinações, até o esgotamento, não sei quantas tinham.  
**6** meninas maiores de 10 anos, seus rostos parecem iguais, mas só parecem, se fechar os olhos eu lembro de todas, todas e nenhuma.  
**7** meninas maiores de 10 anos, eu acho... sinto falta das crianças negras, me pergunto politicamente, aonde estarão elas?  
Éramos **6** e mais um menino de 5 anos, que parecia que tinha 10. Eles nunca têm a idade que parecem.  
Yuri: 5 anos, Yasmin: 13 anos, Luara: 13 anos, Amanda: 12 anos, Luane: 12 anos, Yanay: 13 anos, e você cai sonâmbula no procedimento habitual.  
Olho com lágrima, 13 anos; Olho com lágrima, 13 anos; Olho com lágrima, 9 anos; Olho com lágrima, 11 anos;

etc.

**Anoto** bem pouco, estou inteiramente na **experiência**, aquela que te pergunta sempre aonde você quer estar: na viagem ou na fotografia da viagem? Começo a anotar nomes e idades, me inicio nos procedimentos. **Anoto** a reflexão do **eclipse penumbral dos afetos**, tornando o pouco, suficiente: a lua se posiciona na faixa da penumbra, mas não chega a alcançar a umbra. Em muitos desses casos, o eclipse nem é **notado** pelas pessoas, apenas por **especialistas**, pois a lua não chega a ser encoberta, ela só diminui o seu brilho. E eu não sou uma especialista, mas sinto intensamente os seus **efeitos**, a experiência no meu corpo.

Como se a força das sombras fosse total: a pulsação tomada aos picos, lembro dos eletrocardiogramas, é na imagem desses efeitos gráficos que me percebo. Em março, eu perco a fome, quando chego em casa, só sinto vontade de dormir. Constatado um cansaço sem razão aparente, mas que me apaga, quando desmaio completamente. É muita intensidade, faça outras coisas para relaxar. Se você transformar tudo o que acontece em histórias, vai enlouquecer. Não dá pra dar conta de tudo, mas eu não saio por um segundo da faixa disforme. A penumbra é DENSA, mortal como um sonífero.

Efeito do primeiro mês de trabalho no manicômio, aprendendo a saturação do AGORA, das escutas, da estética da loucura e dos tratamentos terapêuticos públicos. Mergulhada em excessos, todos os planos vão para a zona do indefinível, cáusticos. Transitar nas zonas cinzentas me faz procrastinar a expressão gráfica dessas experiências.

É ASSUSTADOR ser a única chance de alguéns. O prêmio por bom comportamento.  
É assustador quando a Instituição é a nossa salvação, a nossa única possibilidade de encontro.

Como num romance distópico, a química dissolvida nas nossas almas, pelos efeitos da penumbra escura, não nos abate totalmente. Tudo se configura para que possamos cumprir as nossas tarefas de forma adequada, sem muitas pretensões a nos animar FORA disso. Este é um estado inebriante de adaptação, é difícil apontar as suas causas, a vida é mais complexa do que parece. A chave estaria nas paredes brancas demais, nas folhas brancas demais, na carta branca demais, nos sonhos brancos demais que continuam? Tudo isso intimidada, mas deve ser acessado, pois é a lógica de um DEUS. E quem se responsabiliza por ela? Quem é ELE? Mesmo que já dentro de uma flexibilidade das reformas e das novas políticas da área de saúde mental, é nítido a que tudo se propõe: atenuar os escândalos passados e tentar mais uma vez um exemplo institucional. Habilitam-se a confrontar a ditadura do deus Cérebro-Razão de guardapós límpidos e a instaurar uma nova fase sob os escombros, uma suposta compreensão à serviço da SAÚDE, mas que continua domando os processos subjetivos em nova ordem; todos os gestos continuam à disposição das interpretações sentenciais. E as prateleiras continuam cheias de medicamentos TARJA PRETA ilegíveis. E as janelas continuam gradeadas como viveiros. E os internos continuam uniformizados como num Campo de Concentração. Pelos caminhos terapêuticos desses serviços públicos, os meus olhares continuam de pura imaginação?

Me indago. A obviedade me espanta.

A maioria é analfabeta, não sabe ler ou escrever o próprio nome. Nem as bulas, eles não sabem porque tomam as medicações ou para que servem. A minha preocupação estraga tudo, me aterrorizo. Faz aí sôra, pra eu copiar, o meu nome. A maioria da internação infantil é de 13 anos. Não quero estar na ala das crianças, já sou grande. A atração é enorme pela porta do fim do corredor. Eu sou muito burra, sôra. Escuto isso mais de 10 vezes, em mais de 15 dias, em quase todas as idades. Exceto dos não-alfabetizados, que pouco ligam para a ideia de inteligência e se adaptam tão rapidamente, que parecem confortáveis com o fato de reservarem seus destinos às internações. A ala infantil é um estágio. Estamos aprendendo algo...

A violência faz seus LOOPINGS em habituais delírios: "posso usar o preto?"

USAR o PRETO... e ele, nos usa?

Uma nota importante sobre o uso do preto no desenho: ele sempre abre um buraco. Estraga tudo. Recorta tudo. Tem que entrar no corte pra poder ver o que tem lá dentro, sôra. O contraste é só para os fortes. Sôra eu sou fraco. Eu é que sou fraco. Nosso caso não é único.

Meu caso não é único.

Tenho medo de morrer e me aflijo de estar no mundo.

Chorei, gritei. Lágrimas e gritos me tormaram muito tempo. A tortura do tempo perdido desde que refleti sobre isso.

Não posso refletir por muito tempo, mas posso me comprazer com uma folha de alface murcha onde não tenho senão mágoas à remoer.

O passado não alimenta. Eu me irei da mesma forma que vim. Intacta, carregada dos defeitos que me torturaram.

Desejaria ter nascido estátua, sou uma lesma sob meu esterco.

As virtudes, as qualidades, a coragem, a meditação, a cultura. De braços cruzados, me parti com essas palavras.

LEDUC

É difícil lutar contra a falta de vontade. Antes fosse uma questão metodológica de um projeto qualquer, ou até mesmo da falta de cultura intelectual ocidental humana. Qualquer coisa seria mais fácil de se lidar. E quais ações apontam para uma reapropriação do desejo? Parda, a tonalidade misteriosa, difusa, quase sempre poética... é convencionalizada como triste, depressiva, violenta, mortificante e fúnebre. Eu sei, e como sei desse peso. Já fui uma jovem como vocês e poderia ter sido atendida neste hospital por usar o preto como vocês. O preto e as jovens melancolias... o preto e o ALERTA. Que sempre contrasta com a carta branca institucional, inimiga das crianças. Pois, aquilo que (os inimigos de si próprios) legitimam como SAÚDE vai preescrever como TODOS devemos nos colocar no mundo para um bem viver. Todos pagam esse preço. Mas o mundo não tem um propósito, sôra, porque nós teríamos? Eu sei, e como sei, precisamos rir disso *tragicamente* e reaprender a viver.

Ignoram que os afogados, ao reviver, começam por vomitar.

DELIGNY

Minhas limitações são explícitas. Não sei como rir desses discursos quando tenho corpos sofrendo por causa eles.

O tratamento mental aprisiona, clichês me estancam as letras, prefiro delirar.

O que me mantém aqui não são os discursos, mas o encontro com os internos, que vomitam, ao escapar dos afogamentos.

Mental, sim, mas que dói no corpo todo, sôra. Como uma febre que reclama a ideia de um órgão predominante. Li nos gestos dela a dor expressada, as veias saltando, o vermelhidão das bochechas. Aonde está o **coração?** Tá bombando, sôra. Meu coração dói, a enfermeira não acredita. O coração dela dói e faz o corpo todo avermelhar, acredite. E acreditando ou não, de tanto reclamar, a medicam. Meu papel nessa cena me desespera, tento transmutá-lo. Quero dar visibilidade aos fluxos que estalam rubros na escuridão desse lugar, como em chamas, de passagem, fazendo as imagens aparecerem, pulsantes, cardíacas, exigindo atenção às suas necessidades de sangue ...



Figura 3: Página de diário de Érica Kuhn. Fonte: <https://obraerikakuhn.blogspot.com/>

...visibilidade para quem? Para ela, a menina do **coração** que dói.

**O QUE SE FAZ PÚBLICO COM UM CORAÇÃO NO ESCURO?**

Nossos olhos estão cheios de terríveis confissões.

**SEXTON**

Esses encontros em desequilíbrio me tornam uma professora de *arteterapia* com **coletes salva-vidas**, designação para um efeito-movimento que nada mais é que **uma ação eclipsada com poderes *in-visíveis***. É através deles que esses cacos podem se mostrar-montar, vês? Tu movimentas forças, mutações, chances, as chances de uma hora e meia no máximo.

Aprenda sobre a vida. Sirva-se de uma farta fatia com a concha preta, pegue um pedaço da torta. **PLATH**

**NA ARTE TUDO PODE, NA ARTE NÃO TEM DOENÇA, NA ARTE NÃO TEM FEIO OU BONITO, PIOR OU MELHOR, NA ARTE O VALOR É TODO TEU, FAZ O QUE TU QUISER, ABRE. ME DIZ AÍ O QUE VOCÊ SUGERE? NÃO SOU DEUS, JUÍZ, SOU PROFESSORA DE ARTES. A SÔRA É i-LEGAL. O MANICÔMIO É LEGAL. QUÊ? NÃO ESTOU DESVINCULADA DA INSTITUIÇÃO. NA ARTE TUDO PODE, ESCAPAMOS DA INSTITUIÇÃO. ME FAZ SAIR FORA? ANTES DE QUALQUER COISA, NUM PRIMEIRO MOMENTO, EU TAMBÉM REPRESENTO A INSTITUIÇÃO. EU NÃO A REPRESENTO! OH, FRASES DE EFEITO, ME CORTEM O ♥ !**

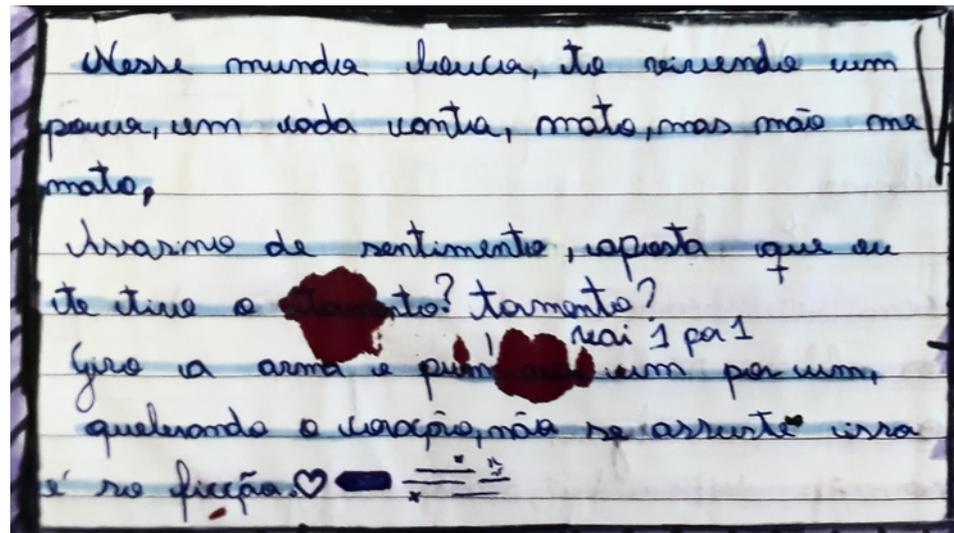


Figura 4: Fragmento de um caderno de poemas de uma das meninas. Ela me mostrou na oficina e depois, encontrei com ela e o caderno na rua...  
Fonte: arquivo pessoal.

Me imagino abrindo as portas e as janelas desses corredores com o objetivo terapêutico de simplesmente fazer respirar as nossas emoções.

*És ingênua, olha os prontuários.* Não, você sabe que algo está acontecendo, mas você nunca saberá o que realmente é.

Deixa-me sonhar um pouco com a possibilidade de uma mentira, deixa-me na arte de fazer viver para constatar a necessidade de uma dissimulação.

Os afetos surgem nas relações, na capacidade de agir e ser atingido entre corpos.

Corpos não possuem afetos, mas potencialidades de afetar, pois o afetos acontecem na relação, em função da relação.

KLINGER

Flutuo com meus tênis e minhas calças molhadas até os joelhos, penetro TODA a minha alma num bosque de pequenos arbustos, desenhados numa folha branca de papel cortante. Essas pequenas árvores em riscos são criaturas que não cresceram e que perdem as suas folhas, **caídas**, sob o pesar de uma terrificante de neblina. Há tímidos frutos, sei disso, mas tem que procurar, o primeiro passo para se achar alguma coisa. Os frutos ficam retorcidos entre as cascas, grotescas, enuveadas. É difícil separá-las, até mesmo **tocá-las**. Elas nos cortam as mãos. **Não vê que não sei direito como fazer?**

Denso como uma neblina de cortar com faca,

exceto pelo fato de que a faca de cortar neblina não fora inventada.

DELIGNY

Uma **imagem** ainda não acabada, mas soberba, como um tapa na cara. A crueldade ou a tristeza de uma imaginação? Foi você quem fez? Não sôra... sim sôra, eu sou perversa. E como responsabilizar essa menina (13 anos) pela sua perversidade, se **não criamos nada sozinhos, nunca**? Eu não estou aqui para significar os desenhos delas, isso elas mesmas fazem. E me convidam. Posso desenhar algo triste, né? Me representa tanto... pode, aqui você pode desenhar o que quiser. **Posso usar o preto? Bastante preto em tudo?** Pode. A felicidade tem um olhar cético.

Um coração preto é jogado no jogo deles, mas para desmitificar, naturalizar, na tentativa de uma liberação das relações fixas de abismo.

Vi-me sentada sob essa figueira, morrendo de fome, só porque não podia decidir qual figo escolheria.

Queria-os todos, e escolher um significava perder o resto, incapaz de me decidir, os figos começavam a murchar e a apodrecer,

e um a um caíam no chão a meus pés.

PLATH

Essas são as *Sad Girls*, os *Anjos Caídos*, as crianças perigosas e deprimidas com suas constelações sígnicas de cultura residual.



Figura 5: *Falando em residual...um Augusto de Campos aparece.*  
Fonte: reprodução de internet.

Os poetas são sempre expulsos das cidades, ilusionistas, enganadores!

A ficção de si é um recurso para se escapar das dualidades.

Eu/outro, depressão/auto-estima, alegria/tristeza, saúde/doença, etc.

E logo estaremos de volta às ruas, sôra, de onde viemos!

Alegria sonora, como num filme bem brasileiro de tiroteios, abusos, assassinatos e perseguições: PÁ PÁ PÁ PÁ...

Misterioso lixo social da infância inadaptada que morre em favelas,

dá errado em casas burguesas e definha

com frequência bem maior do que se admite nos anexos de prisões ou de estabelecimentos inumanos.

DELIGNY

PARECE, MAS AS FORMAS NÃO SE ENCAIXAM.

Uma outra menina (10 anos) que não desenha nada, me disse, às contas, saindo da paisagem anterior, tentando outra: eu vim de uma fazenda lá dos lados das **colinas cegas**, nunca se sabe como sair de lá, é longe, mas é lindo, tem 10 vacas e 3 cavalos pra cuidar de dia, tem um monte de 20 cachorros também, tem.... As outras meninas, que desenhavam e escutavam, riam do sotaque acentuado no **e**. Com o rosto arredondado como uma amêndoa, ela faz um bico doce e tem os olhos cerrados de provocação, tornando-se **inatingível**. Você mora lá? Não, eu moro no abrigo, eu morava antes lá na fazenda. **No abrigo?** Sim, cá dos lados dos sem vista nenhuma, longe de casa, cuidado por freiras que não nos deixam sair, mas minha mãe vai visitar... Me pergunto o que teria acontecido com ela, para ela ir morar num abrigo, tendo uma mãe. **TÃO DOCE**. Na segunda temos aula de matemática, português e ciências; na terça temos aula de história, ciências e português... e assim, ela começou a enumerar os dias e as matérias sem descanso, **até chegar na aula de artes**, que era às sextas-feiras. As outras reviraram os olhos, disseram que ela era quase surda, que quando começava não parava mais. Mas ela estava falando nesse dia, acabara de chegar, e hoje era o dia de **construir paisagens**, de montar o aconchego de uma lembrança que brinca, de enumerar sem parar para se ter simplesmente o que falar. Trata-se da potência de uma memória afetiva, fresca demais pra se deixar nuwear.

Deixem ela falar, ela está no direito dela de existir a seu modo.  
Mas ela nos atrapalha os pensamentos, é muita linguagem, isso aumenta demais a nossa realidade.

**Ufa**, adoro quando os bichinhos presos demonstram as suas agitações térmicas, reclamando por suas vidas, isso faz descansar o **medo**. Coragem!

As cores aparecem visíveis na escuridão, mas somente para quem tem os olhos infravermelhos. E eu descubro que os tenho, pois estamos todas na penumbra e eu encherço a todas. Ouço, minha fala não é pretensiosa nessa situação, estou compondo junto com elas. Que surpresa a minha, encontrar vocês tão vibrantes, em atenção àquilo que fazem. É quando me torno uma personagem investigadora com super lanternas oculares, como uma Nise da Silveira, vitoriosa na complexidade de uma função: vivenciar a ocasião da *situação de traço*, em contraponto à *situação de risco*.

Eu não sou uma senhora filantrópica.  
Eu sou uma curiosa do abismo.  
Embora tenha a consciência de que o abismo é tão profundo  
que eu apenas passo nas bordas.  
SILVEIRA

No **encontro seguinte**, eu **encontro** ela inchada e muda, sem paisagem nenhuma, caminhando pelas paredes e olhando para tudo com **AUSÊNCIA**. São as "consequência do tratamento", do isolamento e da confinção, mas também dos efeitos dos medicamentos. Ela parecia que tinha sofrido um choque.

Deve ter engolido comprimidos demais, sôra. O que ela faz consigo mesma para fazerem isso com ela? Você quer ficar junto de nós, não precisa fazer nada se não quiser, só estar junto? Eu não quero nada. Claro. Você tem ideia de quando vai embora? Ela não respondeu.

Percebo que eles não tem ideia de quando vão sair, isso os angustia. Me recorda a angústia de um prisioneiro político. Me angustio também. Somavam-se 14 dias de internação, mais ou menos, duas semanas. A minha impotência reside nessa imensa angústia, quando ficam impenetráveis de tão transparente: estamos deformadas pelo adormecimento da angústia, eu e tu. Posso voltar para a sala de estar? Não quero saber de arte. A-noto que ela dissolveu a força de seus "ês" numa lassidão movediça, e penso que, mais uns dias ali, ela desapareceria por completo. No próximo dia em que fui lá, ela não estava mais. Esse foi o momento de maior contenção do impulso de olhar os prontuários para saber o que estava acontecendo.

Ela parte, arrastando a palavra angústia pelo corredor: angústia, angústia, angústia...

No dicionário a *angústia* se parece muito com um corredor: *substantivo feminino*

1.

estreiteza, redução de espaço ou de tempo; carência, falta.

2.

estado de ansiedade, inquietude; sofrimento, tormento.

Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não se confessar nem a sí próprio.

Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo.

Pode ser também não ter coragem de ter angústia – e a fuga é outra angústia.

Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai...

Enquanto se espera que o coração entenda.

LISPECTOR

Não sei se devo penetrar na patologização e nos procedimentos clínicos de tratamento psicológico, hesito olhar os prontuários médicos. O que a arte me dá no contato com elas é outra coisa. Com a arte não precisamos de sintomas ou sujeitos diagnosticados, mas de delicadezas que nos atravessam como forças, que nos intensificam em outra coisa. Em atenção. Sem o peso das bolas de ferro presas aos calcanhares. Eu quero fazer dançar todas as fases da lua! No entanto, em que momento isso se tornará inevitável? Já que as singularidades de cada um os isolam em processos centrífugos, difíceis de adivinhar em momentos breves de oficina? Como eu poderia usar isso à favor deles, colaborando para uma experiência mais fluída dos corpos?

De quê me serviria algo que elas mesmas não tivessem expressado no momento **mesmo** do nascimento das expressões? A questão é que elas são urgentes no cultivo das **fixações**, no sentido de defesa **mesmo**, tanto, que eu tenho que ser urgentemente maleável para lidar com isso, não posso me arriscar a perder uma RELAÇÃO antevendo uma doença. Nós afetamos e somos afetados de uma maneira que **não podemos medir ou prever**. Meus gestos, falas, imagens... tudo que apresento faz parte da proposta de estar ali como possibilidade de desvio. Tudo isso é tão vibrante e imediato no espírito do grupo quanto o jeito como se apresenta um corredor para se percorrer. E esses são os redemoinhos em sentimentos diante das subjetivações. Eu não sou um guichê que distribui bons momentos e nada parte só de mim. Há um complexo convulsionado ali, que elabora uma paisagem sensitiva e um composto virtual que age na química e na composição dos corpos presos, que não sabem que **mesmo** assim transitam.

Os corpos na arte tornam-se oceânicos, fluídos, puxados para **Fora** de si.

Os corpos no ar concentram-se num **peso material de existência em gravidades** muito, muito graves.

De onde tirei isso eu não sei, são apenas sensações anotadas. Difícil é permanecer nessa borda. Afeto incondicional aos animais marinhos das **profundezas**. Penso naqueles que assustam bastante, bem terrificantes, com apêndices e luzes hipnóticas nas extremidades.

**Mas devo avisar.**

**Às vezes começa-se a brincar de pensar, e eis que inesperadamente o brinquedo é que começa a brincar conosco.**

**Não é bom. É apenas frutífero.**

**LISPECTOR**

Ganhei um caderno já usado para fazer relatórios dos atendimentos: **PRETO** Iguais aos que tenho em casa para usar como anotação. Ele veio com registros de outras oficinas, escritos por educadores que passaram pelo hospital antes de mim. Ao folheá-lo não escrevo nele, me sinto pouco à vontade. Diante dos resumos tão seguros de si, **eu obscureço**. Entretanto, quando o faço, sigo um padrão próprio, tento me camuflar o máximo que posso, pensando em como não ser tão a-notada. "Grupo muito tranquilo, disposto e animado com a atividade. Ótima interação com as crianças e estagiários. Alta capacidade criativa." Claro que isso não foi escrito por mim, não meço capacidades. São palavras ensolaradas como um desenho adulto de pássaros em formato de V, sobrevoando ilhas com coqueiros. **Quero escrever outra coisa.**

**TODOS AQUELES QUE NÃO TEM IMAGINAÇÃO SE REFUGIAM NA REALIDADE.**

**Quem é aquele que percebe a força revolucionária dos sinais?**

**GODARD**

Em casa estão as poucas notas de março que escrevo no meu caderno preto, e não são nada de mais, apenas sinais de uma agitação: "Me vigiam, como passar a proposta de meu trabalho pela comissão de ética? Vão me perseguir ainda mais. Melhor criar uma ilegitimidade.", "As crianças só falam quando estamos sós, na presença das enfermeiras elas se encerram.", "É possível vivermos sem institucionalizarmos as nossas relações?", "Há uma necessidade enorme de práticas artísticas em espaços como esse, a única maneira de escapar da significação assassina dos gestos, ou como escreveu Guattari, da capitalização dos signos. Capitalização e patologização seriam sinônimos? Uma economia do horror aos nossos corpos.", "Nos encurralam com fórmulas e se espantam com qualquer coisa FORA disso.", "Não nos sacrificarei em nome de culto algum.", "Uma rede dessas pode adoecer qualquer pessoa.", Na realidade mais delicada e mais difícil, a significação jamais se realiza. - Lispector, A arte é aquilo que resiste – fazer ver e ser aquilo que não é. - Deleuze, "O fascínio pela turvação me exausta, mas me intensifica imensamente. Eu danço em volta do fogo.", "Os efeitos criminosos nos seduzem, como uma forma de escapar do que é literal no medo.", "Processos de vida são aberturas estilísticas – desenvolver esses modos.", "Mostrar e demonstrar.", "Amar é esse movimento de vivacidade que nos atravessa sem apego, que nos desfaz e refaz, renovando-nos nas sensações de que estamos vivos.", "Preocupação com as singularidades, que tentam criar as suas condições num lugar insalubre.", "O confinamento não cura – tenho vontade de pixar.", "O que eles podem fazer conosco está escrito na alma desse lugar, observa... uma transmutação através da arte aniquilará essas imagens de pesadelo", Deixe a vida correr – Plath, "Não desperdice a chance de uma outra poesia.", Achava-me entre eles, não era como eles. Nem mortos, nem vivos - Leduc, "São os labirintos que sempre sonhei quando criança", As sensações são as verdades dos sentimentos - Leduc, "As meninas adoram as palavras -sad girls-, vou tatoar na testa.", "Anime-se, todos tem suas crises de desespero"... etc.

Torna-se impossível escrever os pensamentos que tenho, também neste caderno. Só produzo cacos.

### A MEMÓRIA É ASSIM MESMO, SÔRA, TODA PICOTADA.

Experimentar os materiais de arte tem longa duração, pois são incríveis. Dá pra usar tudo? TER, nunca os tiveram assim, tão disponíveis. O roubo não é uma surpresa, apenas observo os movimentos gatunos dos desejos. Eu gosto de ser enganada, mas vocês tem que fazer isso com maestria, é o acordo. Em troca, eu roubo a nossa memória, cada canetinha preta que vocês escondem nas mangas é também a minha CARTA NA MANGA. Eu consigo sorrir com nosso modo de existir assim, sob qualquer circunstância.

*Em amor fati, meu bem mais caro e sensível.*

A sôra percebe os movimentos das existências involuntárias e inconscientes? Estou ligada aos alunos afetivamente por meio da arte, mais do que imagino, em diferentes graus de sensações que não são facilmente traduzíveis. A arte produz os nossos modos de convivência, nos faz existir por meio dela, nutre-se de nossos movimentos de forças. Eu constato todos os dias que somos nós essa força, a que transtorna, a que transforma, e só precisaríamos de um pouco mais de tempo. Nós precisamos de tanta coisa, sôra, que eu desisti de precisar.

Você sabe como as crianças gostam de brincar. Essas crianças aqui não brincam.

Pois, que do mais denso estado de desânimo e de decomposição, fazemos nas oficinas sempre aparecer a potência de um coração vermelho pintado, pulsante como a *Lua de Sangue*, em seu momento oportuno, que sempre chega. E sempre que ele aparece, eu penso que a vida não se entrega **nunca** mesmo **nunca** jamais à mais domesticação das **aparências**. O coração vermelho nos diz que a vida não conseguiria dar cabo de si mesma se pudesse se deixar viver, simplesmente assim, como está, inflamada. Quando começa por desenhar outros universos. Entretanto, *se deixar viver...* uma tão simples banalidade, como um coração vermelho que é absurdamente *universal* e sempre retorna.

Um desenho infantil não é uma obra de arte: é um chamado para novas circunstâncias.

DELIGNY

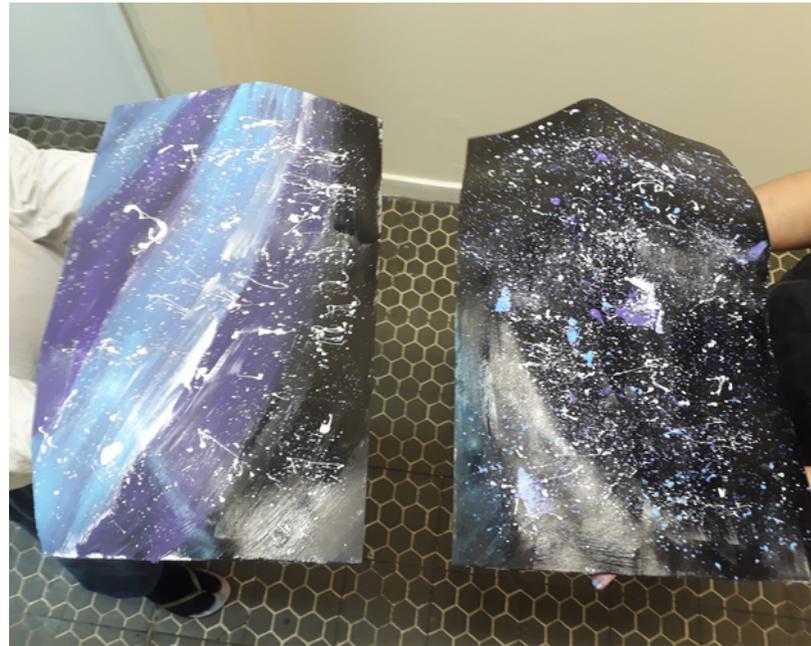


Figura 6: Aberturas cosmológicas de uma aula de artes.  
Fonte: arquivo pessoal.

O sentimento de **impotência** não está na falha do que idealizamos **fazer com o outro** na preservação dos nossos projetos enquanto **educadores**. Mas na decomposição do desejo em nós. Podemos desenhar tudo isso num coração para o provar. Somos todos anacrônicos. Nos comovemos.

## I LOVE YOU

### A ARTE NOS MOVE

Escreverei livros com vocês.

Farei filmes com vocês.

Desenharei com vocês por toda parte.



Lutar contra o coração é difícil,  
pois o que ele quer compra-se a preço de alma.  
HERÁCLITO

## LISTA DE MATERIAIS PROIBIDOS OU QUE EXIGEM EXTREMO CUIDADO NA PRESENÇA DOS PÚBERES

Tesouras  
Palitinhos de madeira  
Fios dentais  
Cadaços  
Espelhos e vidros  
Linhas diversas  
Lápis ponteados

\* use a sua **imaginação** para compor uma aula de artes com materiais limitados.  
Imagina o que farão se você trazer os materiais **proibidos**?

E lá FORA? Vocês também vão tirar os cadaços deles?

Como trabalhar a vontade de não tirar os cadaços deles?

Como trabalhar a vontade de não tirar os próprios cadaços?

Eclipse Parcial

## ABRIL

Uma amiga me oferece um colar com um enorme cristal pendente: *para te proteger*. Ela me fala das relações do corpo com a pedra, que fica pendurada junto ao peito: *para que coloques a mão exatamente aonde ele fica, e quando o fizer, vais sentir o corpo, ganhar um pouco de consciência corporal*. É quando *tu lembra de ti*, *sentindo o imediato de uma experiência*. De outra amiga, esta mais mística, ganho um colar com duas pedras *poderosas*: A ametista rosa e a vassoura de bruxa. *Pronto, é o que precisas*. *Carrega contigo*. Minha bolsa fica pesada, meu pescoço coça, e então, eu carrego eles no bolso do avental, como um precioso cuidado, a presença das duas.

Não sou estúpida de encarar de frente o intérprete.  
 A maioria dos intérpretes são Olhos, ou pelo menos é o que dizem.  
 Modéstia é invisibilidade... Nunca se esqueçam disso.  
 Ser vista – ser vista – é ser – a voz estremeceu – penetrada.  
 O que vocês devem ser, meninas, é impenetráveis.  
 ATWOOD

**Constato que nos adaptamos à qualquer atmosfera, quando nossas observações se ajustam às nossas vontades que, se revigoram a tal modo, que chega um ponto que aprendemos a manipular os afetos tristes à nosso favor.**

**O eclipse parcial, como o nome sugere, é quando apenas uma parte da Lua é encoberta pela sombra, nunca completando um eclipse total.**

Agora são duas vezes por semana que eu subo as escadas que me levam até eles, entre os horários que atendo na oficina. Encarno então uma figura mais ou menos ajustada aos ambientes, traçando linhas de pontos à outros, com um avental **preto** cheio de pedras e uma caixa de material de artes. Segunda de manhã e quarta de manhã, enumeraria assim a menina do interior, são os dias da sôra de artes na internação. Uma necessária **responsabilidade**. A oficina de artes em que trabalho faz atendimento de ambulatório e dos moradores do hospital, não tem formalização para atendimentos na internação. É porque os internados não tem o que fazer ali, e não podem sair, que eu vou até eles. Me dou a chance de um movimento disparador que possibilita sempre algo e que acolhe, **porque é assim que se vive**. Por causa disso eu **movimento forças**, tenho grandes poderes, saio da penumbra e penetro no que considero como parcial. Essas lutas poderiam ser heróicas, escreva isso. Pois, eu poderia não fazer nada disso, **nada é oficial**. E admito, com isso conquisto um certo prazer de ver as enfermeiras que me reprovam, tendo que me receber com "bom dia" em pelo menos duas manhãs. **A insistência como arma de guerra**. Essas experiências me fazem visualizar o quanto necessitamos da arte para atravessar os alinhamentos mais violentos, como o dos sentimentos.

Eu entendo os enfermeiros. Quando eu saio de lá os internos **sempre** ficam agitados. Saltam pelos corredores, com coisas novas nas mãos, que depois vão disputar. Efeito que é contrário de como estão, quando eu chego para buscá-los na sala de estar. Porque **sempre** que chego os encontro atirados nas cadeiras, como se fossem gastos **bonecos de pano**. Eles rejeitam os códigos convencionais de crianças/adolescentes com a desordenação de seus corpos residuais humanos, sempre super expostos, e com isso **fazem do alinhamento um cuspe**. Entretanto, mal sabem que essa desordenação é também um alinhamento...



*Figura 7: Mischa Baka, **Zombie Children**. A still from the Michal Imielski **Zombie Film**.  
Fonte: <https://www.eventyas.com/AU/Parramatta/421671057853609/Shh-Space>.*

**...um eclipse é um alinhamento.**

**Esse alinhamento é uma imagem que sempre me atrai, e me faz voltar nela. OLHA, OLHA BEM PRA FOTO QUE NÃO POSSO TIRAR.**

No Brasil as paredes e chãos são bem mais precários e os humanos mais coloridos, avermelhados, da cor da *Lua de Sangue*. Os uniformes também mudam de cor, aqui são acinzentados, como abrigos de cimento. Eles também vem estampados com letras de forma das siglas da instituição. E vem de qualquer jeito, impressas em qualquer lugar. Parecemos mendigas sôra, olha isso daqui, fazem tudo para ficarmos feias. Essa mesma menina que me disse isso estava com uma camiseta esfarrapada com as letras impressas de cabeça para baixo. Eu chamei atenção para isso e todas rimos muito. Rimos, eu bati uma fotografia. Mas vou ter que riscá-la para não ar-riscar uma identificação. Quando se ar-risca o ar, assim com ironia, todo mundo respira, como numa apresentação teatral DADAísta. Ficamos bestas de tão alegres. Isso poderia ter sido feito por qualquer uma de nós, mas foram ELES, os vacilões. Acontece...



*Figura 8: A fotografia que não posso mostrar... as letras que não posso soletrar... Fonte: arquivo pessoal.*

**Será que isso acontece nas melhores interações, como nas melhores famílias?  
Certamente, sôra.**

Nas cadeiras de cinema improvisadas as cabeças se soltam pendentes, caídas para todos os lados. Os membros, pernas e braços desmaiam em confusão, sem distinção alguma. Eu examino os corpos, depois cada olhar numa leitura rápida e minuciosa, a **pantomima** a-traduzível dos espíritos cansados que **tereí que lidar. Eu os conduzo** pelos corredores como zumbis que se arrastam num filme deprimente. Eles fingem? Um ou dois sempre me oferecem ajuda com os materiais, normalmente os mais novos, querendo ganhar minha atenção. Esses parecem os únicos vivos. Os mais velhos normalmente me olham numa expressão de **estou morrendo**. Alguns estão numa linha mortal mesmo, bastante medicados. No corredor que atravessamos, sempre encontro mais alguns, acompanhados de familiares. Ali ficam sentados em bancos. Falam baixo, consomem sermões.

Como numa cena de enfermaria de guerra, todo mundo já naturalizou essa imagem, assim a vida é **para eles**. Noto que a maioria das mães presentes são mais jovens do que eu. E são **todas mulheres**, mães, tias, avós, cuidadoras... nunca vi um pai, irmão, algo do tipo masculino. Essas mulheres têm os rostos carimbados, estão marcadas por uma condição comum: **a violência da pobreza**. Me **espanta** a proximidade das palavras **doença** e **pobreza**. Lembro-me de que muitas delas também fazem tratamento no hospital, e de que muitas também não são mães legítimas (mas o que seria isso?). Me **espanta** esse cenário de salvamentos abstratos que as recebem, as circundam, as acolhem numa língua estranha. Penso então nas outras mulheres responsáveis por tudo isso, eu sendo uma delas. Penso inclusive nas juízas que os encaminham para cá, em seus juízos e na falta deles.

**QUANDO GANHAREMOS ALTA? Talvez nunca. Sair dessa situação de cuidados não parece ser para nós.**

No dia em que noto as mulheres, algo que eu trago funciona demais. Até então só tinha oferecido material para desenhar e pintar, evitando as tesouras. Hoje vamos **desafiar os corações vermelhos** e vamos fazer diários e cartas. Vamos escrever, desenhar, recortar e colar em papel colorido dobrado. Cartas. Eu levo papel colorido, lápis, canetinhas... material para escrever, desenhar, recortar e colar. Os formatos são simples e vocês podem escrever uma carta para quem quiser. Inclusive para si mesmas. **Meu método: a experiência sensível fragmentária. Pela primeira vez disponibilizo as tesouras, subjetivamente atraentes. Você tem que cuidar muito, ficar do lado deles o tempo todo, é arriscado. Eles vão cortar as nossas línguas e corações de qualquer jeito, enfermeira. Penso, enquanto sorrio. Ela percebe meus rasgos de humor. Vai querer se vingar...** A enfermeira que me recebeu as primeiras vezes era mais jovem que eu e tinha várias das características físicas das internas: os olhos inchados e as olheiras profundas; feridas ao redor da boca, certamente pelos efeitos emocionais e problemas de estômago. Feridas também ao redor dos olhos, de tanto esfregá-los com as mãos. Adivinho os plantões exaustivos; os cabelos desgrenhados e o sorriso levemente congelado, para não dar na vista, era algo de quem não dormia fazia tempo...

**Fiquei pensando se depois de meses trabalhando ali, eu não me transformaria nela.**

Estou entre meninas de 10 a 13 anos, relativamente calmas. Essa observação me faz lembrar dos relatórios que deixei de lado. Com o pensamento nas cartas, elas preferem um destinatário oculto, **à quem possa interessar**, enquanto como remetentes se **escondem**, ao encenarem uma mesma personagem, anônima. É assim que os mesmos signos melancólicos retornam, lançados ao espaço como tesouras. Traduzindo-as ao mesmo tempo que as **escondem**. Há o desejo de que a tristeza fique bem bonita. Observo. Elas sabem como viver nas profundezas, tem maleabilidade. Enquanto montam suas cartas, elas parecem **saber conviver** com isso. Sim, **elas ficcionalizam os afetos tristes**, me mostram, os recortam de suas dores e os mergulham nas folhas pretas, como uma limpeza. E pedem: desenha pra mim sôra. Se surpreendem que sei desenhar qualquer um desses signos com propriedade.

O que são, então, nossas vivências?

São muito mais aquilo que nelas pomos do que o que nelas se acha!

Ou deveríamos até dizer que nelas não se acha nada?

Que viver é inventar?

NIETZSCHE

Pois, uma intimidade não é comunicável literariamente sem deixar de ser intimidade.

Quando está escrevendo, o impulso básico de você escrever é mobilizar alguém,

mas você não sabe direito quem é esse alguém...

A gente não sabe direito para quem a gente escreve.

Mas existe, por trás do que a gente escreve,

o desejo do encontro ou o desejo de mobilização do outro.

CESAR

Elas escrevem cartas sem endereçamento, deixam **em branco** para que alguém as complete. No entanto, as folhas são pretas, com escritos em grafite e espaços à preencher, assim ..... Uma delas intitulou o trabalho de **Minhas Asas**, todas as outras gostaram e imitaram. As asas, uma alquimia para desaparecer. Elas querem voar janela afora, passar entre os buraquinhos das grades, por onde não entra um nariz e mal passa um ansioso dedo. Eu posso fotografar o trabalho de vocês? Praquê sôra, vai ficar contigo mesmo. Vocês não querem levar o trabalho que fizeram, guardar com vocês? Não. Sim, porque **não quero que ninguém me leia**. Na capa deste tem um **OLHO** grande que chora uma mancha densa, como uma lágrima amaldiçoada. Ok, não preciso fotografar, esse olho é igual à todos os outros olhos que infinitamente vocês trazem, e que sempre choram, choram e choram e se repetem, como um looping cardíaco, pedindo socorro, *sob estrelas fixas que as governam*.

O olho chorando é a ilustração do *Minhas Asas*, faz voar, ver, sentir, **desafixar, ao mesmo tempo que retorna, fixando**.

O grande olho chorando é o primeiro sinal de toda menina deprimida que chega, o sinal maldito que as definem como um padrão e as deixam sujeitas às interpretações profissionais: *é depressão, esta menina está com depressão ou esse olho é psicótico*. Enquanto estou com elas, as enfermeiras e doutoras passam e **nos miram**, a maioria sequer me cumprimenta. Geralmente **calamos** ao perceber as suas presenças, pois sabemos que nos julgam e que atuamos numa espécie de palco como cobaias. Eu sempre vejo a hora de me chamarem em uma daquelas salas médicas, com repreensões e recomendações. Quando elas chamam as crianças, sempre dizem: traz o teu trabalho, vamos conversar sobre o que você fez.

O que você fez?

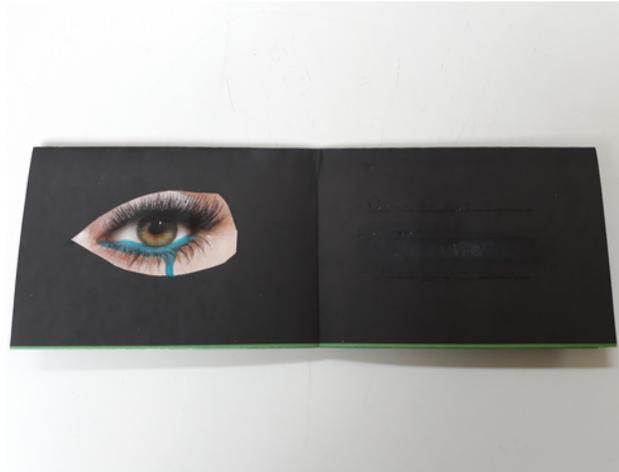
**Olho para os trabalhos e fico pensando que suas artes viraram cartas para um jogo. Significantes do tratamento.**  
**Eu já tinha me esquecido dela, da parte iluminada do processo de eclipse.**

**Seus comentários não merecem respostas. As cartas também não exigem respostas, elas dizem respeito à algo que consegue fugir, e ninguém precisa a-notar ou saber. E o que eu devo considerar como ganho nesse momento? O nosso momento juntas ou os nossos destinos?**

**ELAS NÃO EXIGEM RESPOSTAS, SÔRA.**  
**AS DOUTORAS? NÃO, AS CARTAS.**

Nesse mês algo da ordem do que é **imensamente sensível** me absorve: descubro a potência da **escuta** e mal sei o que fazer com ela. Percebo que ela atravessa as construções mais sólidas, moduladas pelas ondas de desejo, das necessidades de envolvimento. Como conquistá-las, fazê-las re-surgir? As ondas simplesmente vêm, afetadas e lunares. Para a professora de artes a escuta é também a **visão**, o toque, o cheiro e todas as sensações que são despertadas nesse movimento líquido. Porque a fala pode ser **extremamente redutora**, sem a beleza de qualquer silêncio. Olha, a fala não é a Verdade, mas **a falta de juízo** que trazemos conosco, sôra. Elas combinam o que dizer para as psicólogas, adivinham o jogo e traçam suas estratégias, querem sair logo e atuam nisso. **Atmosfera interna muito viva.**

Qualquer reação, se estamos diante de um analista (ou com pretensões a), é sintomática,  
 reveladora de conflitos íntimos, ponto de partida para as mais variadas interpretações.  
 Jamais expressamos a verdade – que passa por caminhos sinuosos, apenas conhecidos do "monstro" à nossa frente,  
 o analista, único que não se deixa enganar.  
 Diante das denúncias que nos são feitas procuramos burlar o médico, confundí-lo, anarquizá-lo.  
 Assim passamos a analisá-lo, colocando-nos em guarda (dizem chamar-se isto Resistência).  
**CANÇADO**



*Figura 9: E você não consegue ler o que está escrito... mas ouve. Fonte: arquivo pessoal.*

NÃO PODEMOS DORMIR À NOITE SÔRA. É MUITO BARULHO QUE ENTRA. PEDIMOS REMÉDIO SEMPRE. AS JANELAS NÃO TEM CORTINAS, MAS NÃO É SÓ ISSO QUE NOS IMPEDE DE DORMIR DE DIA. SE DEITAMOS ELAS ACHAM QUE ESTAMOS DEPRIMIDAS E NOS DÃO MAIS REMÉDIO. E FICAMOS MAIS TEMPO AQUI. POR ISSO VOCÊS FICAM NAS CADEIRAS CAÍDO POR CIMA DOS BRAÇOS? NÃO, É PORQUE ESTAMOS DE SACO CHEIO. NÃO CONTA PRA ELA. EU TENHO SAUDADE DOS MEUS TÊNIS QUANDO OLHO PROS TEUS SÔRA, NÃO AGUENTO MAIS FICAR AQUI. O QUE VOCÊS FIZERAM PARA ESTAR AQUI? EU JÁ TENTEI MATAR MINHA MÃE TRÊS VEZES SÔRA. ELA NÃO É LEGAL CONTIGO? É SIM, MAS EU NÃO ME CONTROLO. SAIO FORA DE MIM. QUANDO VOCÊS ESTIVEREM LÁ FORA, COLOQUEM OS TÊNIS QUERIDOS E PENSEM NO QUANTO É IMPORTANTE PRA VOCÊS ESTAREM COM ELES, LÁ FORA. PRESERVEM ISSO, USEM OS TÊNIS COMO AS ASAS DE VOCÊS. NÃO SEI PORQUE DISSE ISSO, IMAGINA, COMO SE FOSSE SIMPLES VOAR DE TÊNIS. NÃO QUERO FAZER MAIS NADA AGORA. ESTA É A TERCEIRA VEZ QUE ESTOU INTERNADA, VOCÊ VAI VER QUANDO EU VOLTAR. NÃO QUERO QUE VOCÊ VOLTE. FAZ O FAVOR DE NÃO VOLTAR MAIS AQUI E DE COMEÇAR A VIVER. COMO SE FOSSE SIMPLES COMEÇAR A VIVER...

**COMEÇAR A VIVER...  
COMO SE FOSSE FÁCIL, SÔRA.**

Lição de moral? Lembro do impacto dos fragmentos do Nietzsche na minha mente, dançando suas letras entre um deboche e um tapa na cara. Penso na responsabilidade intelectual de produzir pensamentos absurdos, qualquer coisa que nos arranque do amortecimento e do rancor de nossos espíritos.

BONDADE MATERNA: Algumas mães necessitam de filhos felizes e respeitados; outras, de filhos infelizes: senão, sua bondade de mãe não pode se mostrar.  
NIETZSCHE

Na parada de ônibus, na frente do hospital, e vi uma mulher saindo com uma criança da internação, pareciam dois estranhos, um na frente do outro, ela seria uma mãe? Quando saía do hospital, antes de passar pela portaria, visualizei uma menina que tinha atendido pela manhã, saindo com a mãe. Ela fez um gesto de que ia me esperar. Fui tomada por um abraço forte, que fez a mãe paralisar. Eu segurei ela bem firme com as duas mãos e disse pra ela se cuidar, escrever e desenhar quando estivesse muito triste, que isso sempre ajudava. Ela sorriu e disse que seria uma poeta.

Minha língua é uma faca, sôra.

Confio na impermanência da vida.

Não sei o que fazer.

As repetições nos dão a impressão que não saímos do lugar. Eles vão até as grades das janelas do refeitório, abrem os braços como aves em preparação de voo e se grudam nas grades. Aí ficam, tentando acertar os olhos de um jeito que caibam os dois, paralelos, num único espaço de visão. É um gesto difícil, porque sempre um olho fica bloqueado. São áreas quadrilaterais feitas para esquadrihar os pensamentos, embora as emoções escapem para longe. Uma vez um enfermeiro passou e pegou um menino alto fazendo isso, de braços bem abertos. Sai daí cara, é muita choradeira, logo tu tá lá fora fazendo bobagem. Os argumentos saem no nível da proibição da tristeza. Era uma frase de homem para homem. A MINHA ALEGRIA É A DE QUE NADA DURA PARA SEMPRE.

Só uma vez os enfermeiros riram. Foi quando a menina do batom vermelho retornou à sala de estar, falante, com a sua grande boca pintada em frenesi, feliz da vida. Ninguém resistiu ao seu charme amorosamente cruel. Ela estava realmente bonita. Agora ela poderia ser a filha de alguém.

A auto-estima é Eu sou linda, sôra.  
A baixa auto-estima é Eu sou depressiva, sôra.  
E o trágico é que sequer somos alguma coisa.

Mas a auto-estima pode ser uma **FICÇÃO**.  
 A baixa auto-estima também.  
 A ideia é ter uma mente nova.  
 A ideia é ter algo em mente.

**NUNCA ATUE PELA IDENTIFICAÇÃO,  
 APENAS ARTICULE.**

na **VIDA**, na **ARTE**, se **GASTAR** é se **GOSTAR**

Nós não somos santas, sôra. Me disse ela, com a boca bem vermelha. De batom. Que batom? O que ela encontrou na caixa de materiais de arte e que eu acabei dando pra ela, após ela ter me pedido: sôra, por favor, por favor, por favor... - três palavras mágicas que me tornam poderosa. Eu sei que não são santas, do contrário, o que estariam fazendo aqui? Eu também não sou... Ela sorriu maliciosamente, com rebelada cumplicidade, afinal, eu **TAMBÉM** estava ali. A sôra é bem legal, as enfermeiras são chatas. Nesse dia éramos umas 5, elas tinham todas a mesma idade (12 anos). Quando encontraram o batom pediram meu celular para fotografarem-se. Eu dei. Elas tiraram muitas selfies, e entre caras e bocas, surgiram surpreendentes comentários: como eu sou linda, sôra!, olha, nós somos lindas! De inteligência também? Eu apareci junto com elas nessas imagens, ainda as tenho, **mas não posso publicar. Então, jogarei para o universo essas palavras, deixarei que elas iluminem o meu céu, como o brilho de um batom na boca, loca.**

As enfermeiras me proibiram de deixar o celular na mão delas. **Só você** pode fotografar, **elas não**. E se divulgá-las, a responsabilidade será sua. Fique tranquila, não é esse o meu objetivo. Traz pra gente maquiagem, sôra. As maquiagens que tenho estão gastas, mas eu tenho esmalte, serve pintar as unhas? Serve muito. **Vocês vão estar aqui? Infelizmente sim.** O encontro com os esmaltes foi uma **confraternização**, elas pintaram as unhas umas das outras. As meninas do *self* formaram um alinhamento diferente, vaidoso. Parcialmente luminoso. E todas escolheram o esmalte **preto**, exceto uma, a que de início se negou à participar... essa pintou cada unha de uma cor. Depois, pintaram as minhas também. Elas saíram alegres, reinventadas, foi extraordinário. **Extra, extra, extra, vem ver que alegria, a delas!** Eu fiquei dias com o esmalte descascando das unhas na tentativa de preservar a lembrança desse encontro. Deixo a memória se diluir aos poucos, para não perder **DE VEZ** a sua beleza.

**As unhas da sôra parecem de criança, são feias. Eu não faço minhas unhas, gurias, nunca. Eu as roo que nem tu. Putz, me descobriram...**



*Figura 10: Essa foto eu posso mostrar, parece de mentira, não parece? Entretanto, o buraquinho na manga pode nos denunciar... assim como o coração que reapareceu. Fonte: arquivo pessoal.*

Os afetos são coloridos e nos trazem de volta ao mundo dos vivos. Daí aparece uma amizade improvável, e muito breve, que nasce e morre rapidamente, afirmando a sua possibilidade.

**E PODER REIMAGINAR QUE ISSO É SEMPRE POSSÍVEL.**

**Saber que a coisa pode acontecer...**

Tu escolhes o lugar da ferida  
onde emitimos nosso silêncio.  
Tu fazes da minha vida  
esta cerimônia demasiada pura.  
PIZARNIK

Uma delas encontrou uma lixa de unha, objeto que está fora da lista de materiais proibidos e parecia ser inofensivo. Olho para o que está fazendo. A menina (13 anos) usa a lixa compulsivamente, até sangrar os dedos. Ela tem as unhas pela metade, suas carnes ardem. Olha o que você está fazendo, vai se machucar. Ela me mostra as mãos, os dedos carcomidos. A **angústia** retorna. Ela me diz para tentar fazer, que não consegue. Eu pego a lixa, a seguro firme e, delicadamente, tento aparar o que resta da agonia dela. Percebo que estou no impossível, na beira do abismo dela. Conseguimos serrar pelo menos as pontas que mais machucavam, **como se cortam as unhas dos gatos**.

Criador de circunstâncias,  
 assim é o educador a se debater com todas as inércias.  
 Boa sorte.  
 DELIGNY

### **QUAIS SÃO AS ATIVIDADES DE ARTE, PROFESSORA?**

**Pintura sobre papel**  
**Fanzines**  
**Cartas**  
**Colagens**  
**Artes do letramento**  
**Desenho**  
**Pintura de unhas**

### **MAS PINTURA DE UNHA É ARTE?**

**Lixá-las também.**

\* use a sua imaginação.

Trabalhamos com , nada mais.

Eclipse Total

**MAIO**

**ABRIR AS VEIAS**

abro as veias

brota em botões

ela

a vida

sem cura

sem volta

nada segura

o jorro

acordam

com o prato

cua

tigela

gamela

rasos demais!

ela transborda

verte-se na terra escura

vai

às raízes

sem volta

sem cura

esvai-se

ela

em versos.

**SVIETÁIEVA**

Estou atrás de um grupo feminino que segue junto pelos corredores, como uma **coreografia**. Uma atrás das outras, seguem a passos lentos, com os pés arrastando no chão, como prisioneiras que vão para a forca, contando seus passos. Observo a *noção de perspectiva*, avançando meus olhos por cima das cabeças em marcha. **Aonde essa imagem vai me levar?** A umidade toma conta dos dias, chove muito. Há um *eclipse total* nos ameaçando. As nuvens pesadas concentram um bloqueio cardíaco. Aos poucos um derradeiro alinhamento se faz. Mas eu não o prevejo, parece que nada abala o sentimento que trago: **é exatamente isso que quero fazer, estar aqui mesmo, enfrentando isso.** Não olho para o céu, me concentro nos efeitos da *Lua de Sangue...*



Figura 11: *The Handmaid's Tale*, ou *O conto de aia*, série para televisão do livro de Margareth Atwood. Cena da minisérie.

## FAZ DE COR, MEU BEM, FAZ DE CORAÇÃO.

Anoto: a atmosfera pesada da internação é atingida pela pungência da minha vida de FORA do hospital. Nesse mês tenho dificuldades para dormir, me sinto intensa e desperta. Tenho tanto trabalho para fazer **alegremente**, que mal consigo sair da *zona de ação*. Penso sobre tudo o que faço, ganho velocidade ao passo que vivo, e vivo muito. Há uma força elétrica que me joga de novo ao que tinha abandonado nos dois últimos meses, penso que consigo lidar com qualquer contraste na escrita. Me sinto ativa e produzo diversos encontros. Multiplico os desejos, as falas e as escutas. Ignoro um certo **cuidado sensível de voo** e arremeço meu corpo no ar com as palavras, fazendo bater as asas de mercúrio. Não paro, não penso em adoecer. Tudo se torna perigosamente leve. Minha imunidade baixa...

A carta de copas está colada na minha testa, brilhante.

ABRO MEU CADERNO. CADA DETALHE É DESMONTAGEM E RECONSTRUÇÃO, REBELIA E CRIAÇÃO. DO TEXTO E DE NÓS MESMOS. NÃO COSTUMAMOS ESTAR AQUI, E ISSO É BOM. CADA PASSAGEM É UM NOVO DELÍRIO. AS MENINAS PARECEM SER SEMPRE AS MESMAS, ELAS VÃO E VEM EM NÚMERO VERTIGINOSO. A MENINA TRISTE É UM PADRÃO. VOU ESCREVER SOBRE ESSE PADRÃO. A MENINA DEPRESSIVA É UM CONCEITO QUE SE CRIA NA REPETIÇÃO. ESPECULO AGORA. SÓ APARECEM MENINOS PEQUENOS, ATÉ AGORA SOMENTE ELAS CHEGAM, EM ETERNO RETORNO. E SEMPRE FALANDO DE MORTE NUM DINAMISMO BRUTAL QUASE PERFORMÁTICO. ELAS PROPÕE UM TEMA, UMA DRAMATIZAÇÃO ...



Figura 12: Encontro uma carta de copas que sempre guardei comigo: "O cio de criar, a sagrada luxúria de Construir..." Fernando Pessoa. Fonte: arquivo pessoal

Penso na desmontagem: *como eu me torno quem sou?*

Como me torno tão intensamente este devir escrita?

Nesta manhã um **cachorro preto** me acompanha todo o caminho, até a porta da internação, o encaro nos olhos adivinhando **SEUS SINAIS**.

PORQUE FICAMOS AQUI COM PESSOAS **TÃO SUICÍDAS QUANTO NÓS**,  
NÃO VÊ QUE TROCAMOS RECEITAS DE **DESAPARECIMENTOS**?

Ficar com outras suicidas pode te mostrar que você não está sozinha, meu bem, que esse sentimento é mais comum que imagina e que pode compartilhá-lo. Eu já fui atravessada por ele, assim como você está sendo agora, e muitas outras pessoas também. Entretanto, **é uma sorte**, não é de todo mundo essa abordagem de extremos. Na idade de vocês ficamos muito sensíveis para as condições da vida e começamos a pensar sobre a morte. Alguns a encaram de frente, outros, fingem que ela não existe. Qualquer dos casos pode ser produtivo, **quando conseguimos fazer alguma coisa** com isso. Tem um monte de poetas que eu gosto de ler que pensaram sobre a morte, elas escreveram coisas tão lindas que, quando leio, intensifico mais a minha vida. **Mas essa é a minha fala**. Elas a escutam sem dizer nada. Geralmente falo muito quando elas me perguntam, porque sinto que querem muito me ouvir.

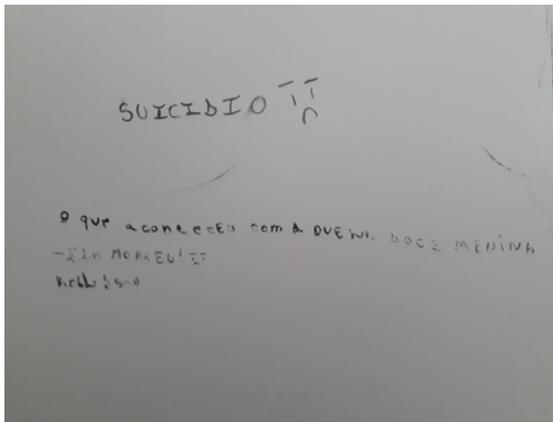


Figura 13: Fotografia da porta de um banheiro de Rodoviária. O escrito diz: Suicídio (carinha triste). O que aconteceu àquela doce menina? - Ela morreu! (carinha triste menor). Assinatura ilegível, com "sad" no final. Fonte: arquivo pessoal.

Para a pessoa na redoma de vidro, branca e imóvel, como um bebê morto, o mundo por si só é um pesadelo. PLATH.

Em maio, as meninas me levam até os seus núcleos emocionais reativos: o SUICÍDIO.

Me mostram como abrir fugas em si mesmas.

A carinha triste desenhada demonstra o quanto você precisa de ajuda? O quanto lamenta?

O suicídio é uma romã, fruto atraente e proibido, repleto de sementes.

Vamos então escrever e desenhar sobre nós mesmas, mas como se fôssemos grandes autoras de obras tristes, de obras de terror, de suspense, daqueles dramalhões que somente nós gostamos?

**NINGUÉM É OBRIGADO A GOSTAR DE NADA!**

Sou eu mesmo meu próprio símbolo,

sou a história que me acontece: em roda-livre na linguagem,

não tenho nada com que me comparar; e, nesse movimento, o pronome imaginário, "eu",

se acha *im-pertinente*; o simbólico se torna, ao pé da letra, *imediatamente*:

perigo essencial para a vida do sujeito: escrever sobre si pode parecer uma ideia pretenciosa;

mas é também uma ideia simples: simples como uma ideia de suicídio.

**BARTHES**

Em maio o suicídio vem para mim como algo inevitável. Todos morremos um dia, meu amor, pra quê a pressa? Essa é a única certeza.

**NÃO SABEMOS COMO LIDAR COM A MORTE. NÃO É SIMPLES. ESTOU SUSPENSA. NÃO SEI O QUE DIZER.**

Sonho que flutuo dentro do hospital, sobrevoou noturna um verde jardim interno que floresce. Mas estou dentro do prédio antigo, não saio. Os muros e paredes que não me deixam sair, cada vez que tento um outro caminho, ele está sempre fechado. Eu estou presa. É noite, mas não tenho medo.

**Este é o mundo dos signos austeros, aqueles que oferecem poucas chances, disfarçadas de condições de escolha.**



Figura 14: O espelho, de Andrei Tarkóvski, 1975. Cena do filme.

Uma seria PIZARNIK, a outra PLATH, outra SEXTON, outra CESAR e a outra WOOLF? **MITOS DE CONSUMO** da minha bolha, talvez, SENTIMENTOS da geração feminina leitora de poesia suicida. **CONSUMO EM COMUM**: as Lost Girls. Nossas referências finalmente se unem.

Esse é o mês do **eclipse total dos afetos**, o mês do meu **aniversário de vida** quando ganho um presente: **LUANA** (12 anos). Nunca nossas referências foram tão **próximas**, é uma verdadeira irmandade afetiva e de borda. Esse é o mês em que fico 5 dias de cama, adoço e apago completamente **sozinha**, em brusca desaceleração.

**EM TEU ANIVERSÁRIO**  
 Recebe este rosto meu, mudo, mendigo.  
 Recebe este amor que te peço.  
 Recebe o que há em mim que és tu.  
**PIZARNIK**

Atendo **Lua** na de maneira proximal, **sozinha**, com minhas lanternas que estão prestes à falhar. Encaro o suicídio em seus olhos e expresso em todos os seus desenhos, nitidamente, mas não os reduzo a isso. Ela se surpreende, deve achar que sou maluca. Eu gosto do manicômio, dizem que tenho que estar entre os loucos. A psicóloga a trouxe como um socorro: toma, salva. Duas esferas brilhantes me encaram como um espelho vivo. **Sim, vivo.**



Figura 15: Ilustração minha para o conto Ariel de Sylvia Plath, publicada na (n.t.) Revista Literária em Tradução #3, 2011.

ESTAMOS AS DUAS NO ESCURO, VÊS? SOU PURA POESIA, E VOU MORRER. SE ASSOPRAR ELA SE ESVAI, TÃO DELICADAMENTE. ESTOU SUSPensa NUM QUARTO ESCURO, COM MEU CORPO EM FEBRE. MEUS OLHOS ARDEM COM A MÍNIMA LUZ. NÃO GOSTO DE MIM. NINGUÉM GOSTA DE MIM. SÓ FAÇO COISAS HORRÍVEIS. FICO SOZINHA. NÃO SEI DESENHAR. TENHO QUE MANTER MEU CORPO AQUECIDO, HIDRATADO, NUM CUIDADO DE FOGO, MANTENDO A PEQUENA CHAMA. FLUTUO, UMA SOMBRA PESADA E ESCURA ESTÁ SOBRE MIM. MANTENHO A CONCENTRAÇÃO NA RESPIRAÇÃO. ESTOU NUMA ZONA DE RISCO, NÃO POSSO ME ENXERGAR. OLHA O QUE EU FIZ, NÃO É LEGAL. ESTÁ TUDO ERRADO. EU CONTEI PRA ELA UM SEGREDO: OS DESENHOS SÃO LINDOS ASSIM COMO O SÃO, VOCÊ É UMA ESCRITORA E UMA DESENHISTA DE FICÇÃO. LEVEI A MARY SHELLEY E O FRANKENSTEIN, ELA ME TROUXE OS DESENHOS JAPONESES SUICIDAS. NOSSAS FALAS E ESCUTAS SE MISTURAM. ESTAMOS NISSO PORQUE ESTAMOS BASTANTE SENSIBILIZADAS, DENTRO DAS ÓRBITAS, VAMOS USAR A ARTE PARA NOS RECRIARMOS, VAMOS PROCURAR NOVAS REFERÊNCIAS. ACORDAR E PERCEBER QUE A FEBRE JÁ NÃO ESTÁ, MAS QUE TEMOS QUE IR BEM DEVAGAR AGORA... O MESMO TOM PERSISTE, GRAVE, MAS MUITO FORTE. NUNCA ATUE PELA IDENTIFICAÇÃO. TUDO PODE EXISTIR. A TRISTEZA TAMBÉM, OLHA MEU VÍDEO DE ANIVERSÁRIO, MEU VÍDEO SUICIDA, TEM SEMPRE ALGUÉM QUE MORRE E UMA MENINA QUE LAMENTA E RECLAMA E DIZ PALAVRÕES. ESSE MOVIMENTO É NECESSÁRIO. MOMENTO PROPÍCIO PARA UM MERGULHO NA COMPLEXIDADE DE NOSSAS PRÓPRIAS FORÇAS...EU TROUXE MAIS DESENHOS, OLHA, SÃO PESADOS, TEM MUITOS. AUTOCRÍTICA DEMAIS É NOSSA INIMIGA. NUNCA NOS CONHECEREMOS. NÃO HÁ EU QUE NOS CONDENE. TÃO FLUÍDAS QUE SOMOS E SEMPRE PODEREMOS DESAPARECER, SIM. UMA INFÂNCIA TRÁGICA SEMPRE RESIDIRÁ EM NÓS. MAS AGORA NÓS TEMOS UM PROJETO QUE É A VIDA, E COMEÇAREMOS DE NOVO, COMO MULHERES CAÍDAS.

ACEITAMOS ESSA PASSAGEM COM ALEGRIA, LUANA ME APARECE SORRINDO, ATIVA, CHEIA DE DESENHOS. SEUS OLHOS NÃO ESTÃO MAIS TÃO AVERMELHADOS, ELA DIZ QUE ESTÁ CONSEGUINDO DORMIR À NOITE. ELA DIZ QUE SENTE QUE O ANO RUIM DA VIDA DELA JÁ PASSOU. ELA DISSE QUE TEM MUITOS SEGREDOS PARA ME CONTAR...

Êxtase no escuro, elas não querem morrer, mas escapar da zona de risco, do sufocamento, da solidão, do LIXO. E quem não quer? Nos jogamos no corpo, na **sensibilidade sutil e desesperada dos anzóis**, e ficamos perdidas quando temos poucas referências. E uma sobrevivência caótica que nos critica e não pode nos ajudar a resolver. Impossível escrever e desenhar com a dor no espírito, quando precisamos de qualquer estímulo diferente para superarmos. Não podemos respirar quando estamos desorganizadas e há toda uma cultura que nos golpeia e confunde, oferecendo suas saídas brutais...

A vivência com a doença prepara o homem para a sua saúde.

**NIETZSCHE**

Figura 16:

*Uma limpeza  
precisa ser feita,  
regida pela lua e  
pela água,  
solicitando os  
cinco elementos.  
Saio da doença  
com forças de  
transmutação...  
Fotoperformance  
de um projeto  
ainda em  
construção,  
fotografia de Jaque  
Mo, 2019. Fonte:  
arquivo pessoal.*



Há um tipo de solidão que pode ser tão daninha, que viver se torna intolerável.

Parece haver vários tipos mesmo, sôra.

Há uma solidão, porém, que nos faz viver mais intensamente, quando ela recria as nossas formas de viver... VIVER...

A dificuldade de atravessamento desse **percurso de sombra** é o que não me permite distanciar o suficiente da escrita diarística: há um custo tremendo no que faço. Estar bem no centro do poder de afectação me torna instintiva, intensa e desejo puro de composição. Por outro lado, para produzir sentidos, precisaria sair do entremeio da *zona de conflito* e me lançar em suas bordas, de onde me daria uma visão ampla, para poder me apropriar das **singularidades** com distanciamento. O tal do distanciamento, mas não o do cientista, e sim o **de uma poeta** que estuda minuciosamente os efeitos das relações traçadas por cada palavra e imagem, atenta aos procedimentos e artifícios que compõem. Nessa condição de interiorizada, eu mal encontro meios de escapar da **intensidade dos afetos** dos quais eu estou cheia, inundada, repleta. Me esforçando para emergir de um efeito violento de marés, grau que me afogaria. **Poeticamente, a Lua eclipsada rege a química das nossas emoções, é um ENCONTRO de muita intensidade.** Vivemos num imprevisível lunar à procura de algo que nos desloque do provável, do senso-comum, das sentenças que ignoram os movimentos de vida mais sutis, sufocando-os. Tentamos algo mais amplo em seu lugar, como uma **transmutação de forças**, como as da vertigem, por exemplo. O texto ganha uma densidade enorme quando desejo que tudo se torne mais lento e leve... e entretanto, parece ser necessário que seja assim mesmo.

**Todas as manhãs eu sinto que arrastamos desejos não são os nossos, mas os de uma catástrofe coletiva suicida, criada para nos derreter e cansar a vida. E como escreveu Spinoza, que produz as paixões tristes, próprias de uma sensação de impotência, fazendo-nos entrar em colapso. Esses desejos são como um reflexo de espelho que nos puxa para um dentro ensimesmado e centrífugo, perigoso demais para NÃO o encararmos.**

**Não me importa, absolutamente, que as árvores possam crescer e cair, porque contigo eu sou uma frágil expressão do desejo de falhar.**  
**SEXTON**

Os **eternos púberes delinquentes, carentes e frágeis demais para darmos conta deles**, como me desabafou você, emocionalmente cansada de seus 13 anos, querendo ser do grupo das adolescentes. Mas porquê? Os adolescentes às vezes saem do prédio, vão para o pátio, sôra. Diferente das crianças que não podem ir à nenhum lugar situado FORA. Porquê? Há **riscos de FUGA**, sôra. Sim, há muitos *riscos de fuga*...

**Torna-se necessário privá-los dos espaços e dos trajetos. O cuidado exige concentração. O sistema os adocece.**

**Tudo para seu próprio bem.**

**As crianças difíceis são para uma sociedade o que a madeira verde é para um forno a lenha. Se o fogo não pega, sai fumaça e os especialistas correm para testar a lenha, equacionar seu teor de umidade e outros detalhes "científicos" que expliquem as bolhas, as secreções e os estalos, os quais nem mesmo teriam sido percebidos se a chaminé estivesse na direção correta.**

**DELIGNY**

**(RETIFICAÇÃO)****LISTA DE MATERIAIS PROIBIDOS OU QUE EXIGEM EXTREMO CUIDADO NA PRESENÇA DOS PÚBERES****Réguas de cortar pescoços****ENTRA EM CENA UMA TURMA DE MENINOS, AS MENINAS SAEM E COMEÇA UM FLUXO DE VIOLÊNCIAS.**

*Figura 17: ALERTA: Arma perigosa.  
Fonte: arquivo pessoal.*

Vou repetir em todos os tons de voz,  
o mundo só é habitável com a condição de que nada nele seja respeitado.  
Que doce é o terror.  
**BATAILLE**

A transgressão ganha a energia das zonas escuras. Eu prefiro que não me ame. Estou queimando. Me torno uma malabarista do fogo. As vozes colidem. Os corpos colidem. Ameaças. Atravessamentos. Caos. Extremos. Chamo os super heróis, a sinceridade deles me comove: sôra, desenha um Batman pra mim também. Eles se amontoam esperando cada um a sua vez. Me respeitam: a sôra desenha bem, cara! Noto dois meninos bem quietos num canto da mesa. Vou até eles com minha luz branca de lanternas, ela ilumina um pó de giz de cera branco, esfarelado. Um menino ensina o outro a cheirar cocaína, fazendo fileiras, alinhando. O teu colega é um guri pequeno, olha o que tu tá ensinando pra ele, acha legal isso? Não, sôra. Olha o que é legal: esparramo o pó de giz em cima da mesa com a mão, formando o desenho de uma turbulência. Os super heróis os cansam. Trago o letramento, ninguém sabe escrever o próprio nome, todos vivem nas ruas. Eles inventam a sabedoria delas sem as letras. Eu desenho seus nomes com fontes de *Graffiti*, que eles conhecem dos muros. Me tratam com gentileza, mas dão socos e empurrões entre si. Me disputam. Os mais jovem correm e saltam em torno das mesas. Um deles desenha nas mãos um mesmo motivo de flor, com canetinha. Isso não sai né, sôra? O enfermeiro vai detonar contigo. Isso sai, né, sôra? Sim, lava bem as tuas mãos. Não deixa que te encomodem por isso. Do seu jeito, esse fluxo me fascina...

Transformar essa potência de poder numa potência de contestação.  
**KLINGER**

Narro: um menino com rosto cicatrizado, cabelos escorridos no rosto e olhar meigo, me mostra uma bergamota grande. Posso comer, sôra? Pode, eles deixam essas frutas na pia pra vocês comerem. Observo que ele a devora com gosto. Depois pega outra, maior, descasca, lava. Ele me entrega com as mãos juntas uma bergamota limpa e aberta, com os gomos bem maduros. **É bem docinha, sôra, come.** Já vou comer. Come. Eu levo um gomo à boca, **um gomo da bergamota mais doce do mundo.** Ela é realmente doce. Obrigada. Ele sorri. Eu logo o perco.

### **ILUSÃO É DAR PERMANÊNCIA À ALGO QUE OSCILA ATENÇÃO**

Eles são vários, muito parecidos. Somem, reaparecem, falam, brigam, pulsam, somem de novo. Corpos desejanter em proliferação de energias nucleares. Experimentando algo, testando as suas chances de poder com outros corpos, dominando o sossego da Terra, como relâmpagos. Operação de uma competição que, eles mal sabem, dá um tiro no próprio pé quando reverbera, acabando com todos. Numa busca de sentidos próprios, eles se esquecem de dar atenção ao que fazem, confundem-se fácil e se enganam. Alguns agredem os outros à revelia, outros escolhem seus alvos mais persuasivos. Mas todos quebram a cara, e isso dói. Percebo que dói. Se aprende rápido a lei do soco, sabem que só por enquanto é que são pequenos, **mas eles um dia vão crescer.** Alguns te desafiam com uma autoconfiança absurda, acostumados aos violentos ganhos nas lutas das ruas, na calada das noites, como brigas de **gatos.** Outros, mais submetidos, se comportam como folhas finas ao vento, vulneráveis, podendo se esfarelar em pedacinhos a qualquer toque. Uma tempestade pode liquidá-los, esses não são afeitos às disputas. Sempre perdem a guerra. São menores, mais sensíveis e mais frágeis. Confiná-los e misturá-los é incitar a lei do mais forte, iniciar um sério e desigual conflito, estimular um incêndio. **O eclipse dos afetos atua nesse grupo produzindo uma agressividade total, adaptando-os aos crimes. Eles jogam com o transbordamento até inundar toda a sala. Torcem por uma catástrofe, sem nada a perder. Gomos que quase estouram de tão plenos e encurralados numa casca velha, comprimida e deveras frágil, com os dias contados. O eclipse é total, o perigo lampeja, a fruta apodresce.**

**Traz um jogo pra gente, sôra. Eu só tenho de damas. Serve? Serve. Assim como os esmaltes e batom, penso o pensamento como ato, mas também como objeto...**

**Estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos, tais como incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável.**

**DELEUZE**



Figura 18: *Tree of life, A árvore da vida, de Terrence Malik, 2011. Cena do filme.*

Com vocês aqui dentro eu posso ter a sensação de que nem tudo está perdido. Precisamos tanto uns dos outros. Os adulam uma voz institucional.

Estou sentada na mesa, desenhando o nome de um deles no papel com uma fonte arredondada, **de rua**. Um por um, **e ao mesmo tempo**, me pedem: desenha uma mão sangrando, uma arma, um monte de prédios, a folha da maconha, um relógio, um navio... Um navio? Sim. Que pedido bonito o teu (devem pensar que sou doida). De soslaio, eu testemunho **o mundo de cabeça para baixo**, num encontro vertiginoso. O menino da bergamota se aproxima, **atravessa o caos** abrindo uma luminosidade com o seu trajeto. **Ele rasga as imagens e as palavras, tem o tom**. Chega bem perto, movimentase, pega uma mexa dos **meus cabelos** e a cheira profundamente. Eu ouço a sua respiração. **Tem um perfume muito bom!**, ele diz. Olho espantada pra esse rosto, ele é **insuportavelmente doce**. Os olhos iluminados à espera de qualquer farol. Nos abraçamos forte, ele deita a cabeça no meu ombro e sorrimos. Em fragmentos, completamente diluída, eu faço uma brincadeira com isso e todos rimos muito, **e ao mesmo tempo**. É que eu tomei banho hoje... Nós não, sôra, nós estamos imundos!

O menino da bergamota provoca um alinhamento diferente que me transtorna, me arranca da zona do eclipse total.

Flutuo para FORA dali, iluminada por ele.

Passo vários dias sob esse efeito.

E sinto que choro, de uma ALEGRIA de copas que não sei explicar, um choro intenso que me lembra da voz da minha amiga do colar de cristal *sentirás o corpo, tu lembra de ti*..

tento conter visivelmente a minha lágrima para não alarmá-los. O olho aberto, mas inebriado, vê que novamente se dispersaram. Alguns estão em luta, deitados no chão, outros na pia, se empurrando para ganhar a vez. Os materiais espalhados no chão inundado de água. Eu levanto e tento fazer com que me ouçam, com que parem, com que aprendam a nadar! Eu lembro do desenho do navio que não fiz...

NO PRÓXIMO ENCONTRO EU LEVO MATERIAL PARA CONSTRUIRMOS JOGOS DE DAMA, FOLHAS, CANETINHAS E RÉGUA PARA O TABULEIRO E TAMPINHAS COLORIDAS PARA AS PEÇAS. NO MEIO DO CAMINHO ENCONTRO UM MORADOR DO HOSPITAL QUE ME OFERECE UMA FLOR LINDA COR-DE-ROSA, COLOCANDO EM CIMA DA MINHA CAIXA. ANTECIPO MEU DESESPERO COM TAMANHA BELEZA. LOGO QUE ABRO A PORTA DA INTERNAÇÃO, PERCEBO UMA TENSÃO CORPORAL MAIOR DO QUE A DA ÚLTIMA VEZ. NOTO QUE O MENINO DA BERGAMOTA ESTAVA DE BANHO TOMADO, FRESCO, E BASTANTE SÉRIO. ELE DISPUTA COM OUTRO MENINO O SEU LUGAR NO ESPAÇO, COM SOCOS, EMPURRÕES E PONTAPÉS. AMBOS PROMETEM DESTRUÇÃO. MAL PROPONHO A ATIVIDADE E OS MENINOS COMEÇAM A SE COMPRIMIR ENTRE SI, CONTAMINANDOS. EU SOU A PROFESSORA DOS SERMÕES, A PROFESSORA QUE LEVANTA A VOZ E A OBSCURECE, ME OLHEM! ELES DISPERSAM-SE ESTRATEGICAMENTE, SEM FINDAR O COMBATE. VOLTO-ME AOS DESENHOS, AOS LÁPIS QUEBRADOS, ÀS FOLHAS ARRANCADAS DAS MÃOS, AOS CORPOS EM ATRITO, ÀS PALAVRAS OFENSIVAS. QUE TIPO DE PROFESSORA ESTOU? O MENINO DA BERGAMOTA ESTÁ COM A CABEÇA BAIXA SENTADO NA MESA, NA MINHA FRENTE, É O ÚNICO QUE QUER FAZER O TABULEIRO, FAZ PRA MIM SÔRA, ELE DIZ, SÓ PRA MIM. ENQUANTO TENTO CONTER UMA 3ª GUERRA MUNDIAL. OS MINUTOS VOAM, EU NÃO VOO MAIS. O MENINO DA BERGAMOTA ME OLHA E DIZ, SÔRA, ESTOU COM DOR NA MINHA BUNDA. OS OUTROS NÃO ME DEIXAM RESPONDER PRA ELE, A TURBULÊNCIA É TAMANHA. SÔRA, ESTOU COM DOR NA MINHA BUNDA. ELE REPETE. TU FICOU SENTADO MUITO TEMPO? TOMOU INJEÇÃO? ELE FICA QUIETO ENQUANTO APARECEM MAIS SÔRA DESENHA ISSO, SÔRA ELE PEGOU MEU DESENHO. SÔRA ELE TÁ ME DANDO SOCO. EU OLHO PARA OS MENINOS MAIS VIOLENTOS QUE ESTÃO BRIGANDO E RINDO. O MENINO DA BERGAMOTA VAI ATÉ A JANELA E TENTA PASSAR PELAS TRAMAS DE FERRO. OUTRO O MOLESTA E AGARRAM-SE NO SOCO. EU NÃO TENTO APARTAR. VOU EM DIREÇÃO À SALA DE ESTAR PARA CHAMAR OS ENFERMEIROS PARA TERMINAR A AULA, NÃO ENCONTRO NINGUÉM. RETORNO... E PENSO NO ABSURDO DO CONFINAMENTO, NO QUAL EU TAMBÉM ESTOU.

Um menino, o menor, o menor de todos (de mais ou menos uns 6 anos) está com uma das régua que levei para fazer o jogo de dama que não aconteceu...

Ele serra o próprio pescoço rindo e me perfura com os olhos. Eu digo pra ele me dar a régua, percebo que ele está seriamente envolvido com aquilo que promete. Eu o seguro pelos braços e arranco a régua de suas mãos. Ele corre. Um enfermeiro chega, com sua voz potente. Ordena para que todos retornem à sala. Os meninos assim o fazem, repetindo eu me comportei, né, sôra, eu me comportei! O enfermeiro me olha naquela situação de enchente e pergunta se a aula já terminou. Eu digo que sim, transtornada...

... não sei mais escrever



**JUNHO**

Todo esforço de reeducação não sustentado por uma pesquisa e por uma revolta cheira muito rapidamente a trapos velhos ou a água benta contaminada. O que queremos para esses moleques é ensiná-los a viver, não a morrer. Ajudá-los, não os amar.

**DELIGNY**

Luana me leva três objetos de auto-estima, totalmente desprovidos da necessidade de aprovação. Minha estima comigo mesma está boa, sôra. Uma mochila grande ao seu lado esconde imensos tesouros de copas. Um deles é um livro com desenhos e escritos para meninas com baixa auto-estima, que fiz com minhas colegas. É para apoiá-las e ensiná-las a se gostarem. Outro objeto é essa garrafinha de plástico com papéis escritos, dentro. São coisas que gostaria de fazer com o menino que amo, e músicas que quero ouvir com ele. Você vai dar pra ele? Não, ele não precisa saber. É pra ser assim, só. Como uma garrafa dessas que se joga ao mar. O terceiro objeto é essa caixa de segredos. Ela tem um furo? Tem, pode espiar... NÃO. A gente espia e lá dentro tem a palavra NÃO. Mas ela abre a caixa e mostra tudo o que tem dentro, abre uma por uma das folhas e me conta as suas histórias...

Ela fala, fala, fala, me mostra desenhos novos e antigos, mestra na arte de se reinventar.

Tememos a disposição hostil do próximo, porque receamos que, graças a esta disposição, ele chegue aos nossos segredos.  
**NIETZSCHE**

**EU LEVEI 6 MESES PRA ELA FALAR COMIGO, CONTIGO ELA FALA SEM PARAR!**

O ALUNO DEVÉM SEU PRÓPRIO PROFESSOR QUANDO TUDO SE ENCAIXA.

**JÁ ESTÁ ACONTECENDO NELA. O QUÊ? A VIDA. DEIXA ELA FAZER COMO QUISER... SÓ ESPIE.**



Figura 19: Espie... NÃO. Fonte: arquivo pessoal.

**SENTENÇAS:** As crianças precisam de acompanhamento constante. Elas não terão mais aulas de artes, talvez tenha sido a única. As que moram na cidade podem solicitar consultas pelo ambulatório, e se pá, também a participação na oficina de artes, mas... **O QUE PRECISA?** Os pais têm que trazer (que pais?). Eles têm que ter grana pra passagem (que grana?). Eles têm que ter boa vontade (ah, a vontade...). A vontade ganha um peso de ouro. **QUEM TEM O OURO?** Só temos copas, copas... copas.

**Quando eu saio da zona de sombra meus olhos ardem...**

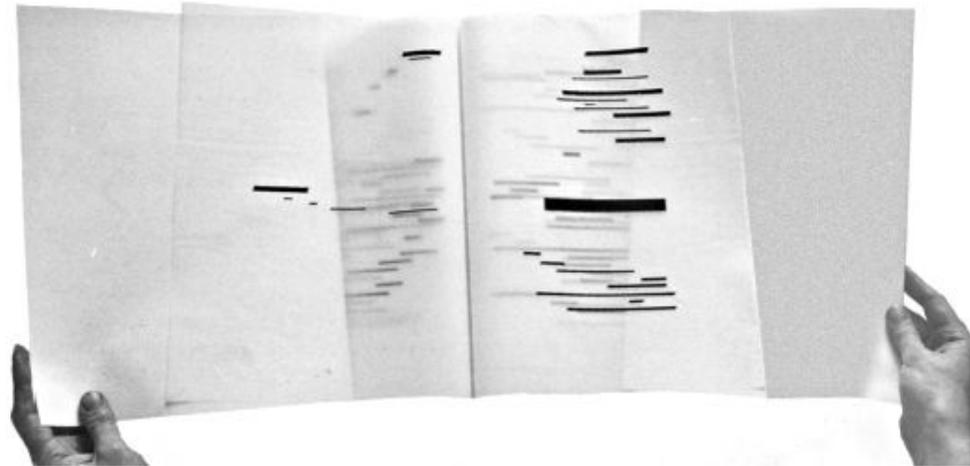
AGRADEÇO SUA PREOCUPAÇÃO PROFESSORA, MAS AQUI TOMAMOS MUITO CUIDADO PARA QUE ABUSOS NÃO ACONTEÇAM. O MENINO QUE CITAS É UM DOS MAIS VIOLENTOS, TEM UMA HISTÓRIA MUITO PESADA E TRISTE, AQUI DENTRO ESTÁ TRANQUILO PORQUE ESTÁ MEDICADO. (A COORDENADORA GERAL DA INTERNAÇÃO SE REFERE AO MENINO DA BERGAMOTA) E ESSE GRUPO QUE CHEGOU ESTÁ BEM COMPLICADO MESMO, FAZIA TEMPO QUE NÃO APARECIA UM ASSIM. VOCÊ PODERIA PARTICIPAR DAS NOSSAS REUNIÕES EM QUE DISCUTIMOS OS CASOS E PODE OLHAR OS PRONTUÁRIOS SE QUISER. TE DAREI UMA SALA PARA TRABALHAR COM ELES, FORA DO REFEITÓRIO, QUE É REALMENTE UM LUGAR INAPROPRIADO. OS ENFERMEIROS SÃO MAIS TRADICIONAIS, ASSIM MESMO, NÃO TEMOS TEMPO PARA TRABALHAR COM ELES, AS EQUIPES SÃO BEM SEPARADAS, O QUE NÃO É O IDEAL, MAS A DEMANDA É ABSURDA E NÃO DAMOS CONTA. OS PROFESSORES DE ARTES ABREM, OS PSICÓLOGOS FECHAM. NÃO QUERO LER OS PRONTUÁRIOS. TODOS NÓS ESTAMOS MUITO CONTENTES COM O TEU TRABALHO, OBSERVAMOS OS DIÁRIOS, PINTURAS, CARTAS, SÃO MARAVILHOSOS. MAS VOCÊ NÃO FAZ IDEIA DO QUE ELES TEM QUE ENFRENTAR QUANDO ESTÃO LÁ FORA. A GENTE TRABALHA COMO PODE E ELES SÓ SAEM QUANDO ESTÃO EM CONDIÇÕES DE SEGUIR EM FRENTE. A MAIORIA TEM HISTÓRICO DE SUICÍDIO, SÃO AMEAÇA À PRÓPRIA VIDA OU À VIDA DE ALGUÉM. A GENTE PERCEBEU QUE VOCÊ NOTOU O GRANDE OLHO QUE CHORA, É RECORRENTE, TODOS DESENHAM ISSO. UMA MÃE PODEROSA OS POLICIAM, CERTAMENTE. ELES NÃO PODEM SAIR, INFELIZMENTE, TEMOS EXPERIÊNCIAS BEM RUINS COM PROFESSORES DE ARTES. COM ELES AS CRIANÇAS SEMPRE FOGEM. LÁ FORA VOCÊS SIGNIFICAM MILHARES, ISSO TORNA A NOSSA CORRIDA ABSURDA? A PSICÓLOGA COORDENADORA ME CONTA E EU COMPLETO...

Um dia um professor de artes correu atrás de uma criança que fugiu até o muro, atravessando o pátio ligeiramente.

*Quando eles se encontraram ali, bem no limiar, no instante maravilhoso, estavam tão ofegantes que sequer conseguiram falar. Ambos ficaram muito tempo se olhando, sem dizer nada.*

## PRIMAVERA DAS VISIBILIDADES

**Novembro**



*Figura 20: Marcel Broodthaers, Un coup de dés jamais n'abolira le hasard - Édition, a partir de um poema de Stéphane Mallarmé, livro-de-artista, 1969. Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/146983>.*

Pela luminosidade da estação e pelo distanciamento da experiência vivida, podemos ver agora o desenho formado pelas tarjas pretas, assim como vemos um esquema gráfico, ou um poema visual, que pensa o movimento dos afetos de forma compositiva. Podemos até mesmo estudar o que nos foi mostrado com transparências, tal como fez Broodthaers em livro-de-artista, atravessado pelas experiências poéticas de Mallarmé. E com pretensões, tentar uma análise conclusiva das intensidades, como fazemos com os dedos conduzindo os nossos olhares num céu estrelado, ligando pontos, perdendo pontos. Pois, pensando que controlamos uma estrela brilhante como um ponto, nós desconsideramos as muitas perspectivas que mostram que ela pode ser muitas ou já estar morta, como rastro de explosão que fragmenta o tempo linear. Reduzimos distâncias e diferenças quando elegemos uma luz imensa sugerindo que outras seriam fracas. Assim como quando pensamos um céu noturno como uma densa sombra que nos cega, e ignoramos os efeitos das luzes artificiais de uma cidade que obscurecem o cosmos aos nossos olhos. Bastaria apagar essas luzes para fazer surgir uma imensidão intolerável...

Saio do hospital e levo Luana comigo, que ganha alta.  
Ela agora é minha aluna em aulas informais de desenho, que ofereço em minha casa-atelier aos sábados vespertinos.  
Ela trouxe mais duas amigas para participarem dos encontros.

## REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. **O conto de aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- CORSEUIL, Lucian S. **Políticas da Bolha por um itinerário de pesquisa menor**. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social, Porto Alegre, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Que es el acto de creación?**. Conferencia en la Femis Escuela Superior de Oficios de Imagen y Sonido, 1987. (46 min. 36 seg.). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dXOzceXu7Ks>>. Acesso em 15/12/2019.
- \_\_\_\_\_. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DEORRISTT, Aline. **Mulheres Caídas: cacografias na educação**. 2018. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós- Graduação em Educação, Porto Alegre, 2018.
- GUATTARI, Felix. **Entrevista Completa para TV grega**. Direção: George Veltsos, 1992. Legendado (49 min.36 seg.). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tJy3BCn8NeE>>. Acesso em: 15/12/2019.
- GODARD, Jean-Luc. **Adeus à linguagem**. Paris: Wild Bunch, 2014. (70 min.)
- HERÁCLITO. **Os Pré-Socráticos - Vida e Obra**, col. Os pensadores, vol. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- KLINGER, Diana. **Literatura e ética: da forma para a força**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LEDUC, Violette. **A bastarda**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

MELLO, James Guterres de. **O insensato**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós- Graduação em Educação, Porto Alegre, 2010.

MIDDLEBROOK, Diane Wood. **Anne Sexton**: A morte não é a vida. São Paulo: Siciliano, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

PIZARNIK, Alejandra. **Poesía Completa**. Barcelona: Lumem, 2009

PLATH, Sylvia. **Ariel**. São Paulo: Verus Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **A redoma de vidro**. São Paulo: Globo, 1991.

SEHN, Carina. **Cartas- Corpos**. 2012. 37 f. Trabalho de conclusão de curso (Residência em Saúde Mental Coletiva)-Programa de Residência em Área Profissional da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Documentário de Leon Hirszman, 1986 – 2014. (1:20). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EDg0zjMe4nA>>. Acesso em 15/12/2019.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. São Paulo: Abril, 1973.